

NA FLOR DA IDADE

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

EDUARDO CAMPOS

NA FLOR DA IDADE

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Fortaleza
1991

C736n Campos, Eduardo

Na flor da idade: memórias de infância e adolescência. Fortaleza, Tukano, 1991.

145p.

Ilustrações de Siegbert Franklin

1. Biografia I. Título.

CDU - 929

ISBN 85-85176-07-5

À

*memória de Maria Dolores e
Isabel Eduardo, minhas mães;*

*de Pai Jonas, que não conheci;
e do João, que me criou qual um filho,
a me querer muito.*

El niño produce su miei con cualquier flor.

H. R. LENORMAND,
Confessiones de un autor dramático

“São estes os sítios? São estes;
mas eu o mesmo não sou.”

THOMÁS ANTÔNIO GONZAGA,
LIRA

SUMÁRIO

O PRIMEIRO TRIBUTO	11
TEMPO SUBJETIVO	14
FLAGRANTES	16
A CASA DE MEUS AVÔS	23
DE FORTALEZA A PACATUBA	27
PACATUBA: O MISTÉRIO DE SEUS SOBRADOS E FANTASMAS	31
A CHUVA	37
CADA IDADE TEM O SEU IÊ-IÊ-IÊ	41
DIA-DE-MUDANÇA	43
A DOR DA CARTA	47
OS MENINOS DA BANANA SECA	49
PRESENÇA DO RÁDIO E DO TEATRO	53
A CAFUA DO MISTÉRIO	59
A RAQUEL, OS DESMAIOS, E TIOS	65
MEDO DE ALMA	69
O VÍCIO MAL DISFARÇADO	73
O MENINO E O BOI	77
A COMPANHIA IMPRESENTIDA	81
O PRESIDENTE	85
A PRESENÇA DA MORTE	87
REVOLTA ESCATOLÓGICA	91
TELHADOS E PEIXINHOS DOCES	95
O SACRILÉGIO	99
O PROFESSOR DE GINÁSTICA	103
NECROLÓGIO DE TIA	107
O AMANHECER E HORA DE APRENDER	111
NATAL, AS ALEGRIAS E O PREÇO DA SINCERIDADE	117
PRINCIPALMENTE BALÕES	121
SÃO JOÃO E O EXERCÍCIO MÁGICO	125
OS JOGOS E OS MAIS	129
COMES E BEBES	131
EPTÁFIO DE MÃE DOLORES	133
GLOSSÁRIO DE AFLIÇÃO	135

O PRIMEIRO TRIBUTO

Vim ao mundo, depois de os meus irmãos Airton, Egerton e Milton terem nascido, quarto filho de pai fadado a não me festejar por muito tempo. Jonas Acióli Pinheiro, esmorecendo, não me podia mais tomar aos braços... Era o contar de minha mãe quando entendi melhor, anos adiante, a situação de quem enferma para sucumbir.

A começo meu pai dizia-se desalentado, perdida a vontade de sair de casa, a ver amigos. Depois, foi-se amofinhando, e a tanto não lhe acudiram mais a medicina e ensalmos. Nada resultou capaz de aplacar a insidiosa infecção que o abateria em breve, deixando-me órfão aos quatro meses de idade.

Nesse transe a solidariedade do clã dos Pinheiro foi exemplar. Enquanto Maria Dolores – quantas dores numa só Maria! – despertava para a realidade lutuosa de presentida viuvez, os cunhados solícitos organizaram o funeral, não esquecido o aviso pelo sino da igreja (repicou saudoso, dizem...), nem a convocação de parentes e amigos, em Pacatuba, a uma légua de distância, cientificados por ágil e sotímio cavaleiro como convinha à hora, disparado em aziago cavalo preto.

A noite, que então fazia, maturava-se na vigília iluminada por lampiões postos na sala da frente, suspensos no ar. Bastava vê-los para compreender o motivo realmente grave de estarem aí.

A morte tem o dom de desarrumar a vida e salas de visita; e de pretender clara a feição dos que sofrem.

A dor, diferente da alegria que tem asa e voa, demora em passar. Escorre lenta, gruda-se; é visguenta; é cruel. Faz da noite de sentinela um desafio a sentimentos e emoções.

Para não defrontar de perto a carranca da ceifeira impiedosa, puseram-me em casa de vizinho penalizado, entre apiedados que me sabiam então um “coitadinho sem pai”. Alheio ao áspero infortúnio, eu esplendia saúde, – “um inocente” alcançado pelos caprichos de inesperada morte.

Nossa casa onde vivera até então a família feliz e unida ao longo do tempo, sem motivo a lágrimas, apoucava-se nesse instante de dor, insuficiente para abrigar os que se abalavam pelo infortúnio.

Estranho, de presumível bondade, logo adentrou a sala tomando a atenção de todos não por chorar ou lamentar a desdita do chefe de família que partia, mas pela reverente solicitude em se repartir a todo momento a um e outro, a mão estendida, ágil, reacendendo velas; e presto em conseguir cadeira para idosos.

Viram-no vezes sem conta a conduzir bandejas de café, ou carregadas com copos d’água, a entreter o tempo de todos.

Misterioso qual em conto de fada, da maneira como se introduziu no lar, desapareceu. Esvaneceu-se em figura de estória de desenlace absurdo.

Foi-se.

Evolou-se, mas cumpriu antes o móvel de sua falsa piedade: a apropriação da parca poupança reservada por minha mãe para tão amargo instante...

Informada do episódio, a Maria de tantas dores simplesmente comentou:

- Devia precisar mais do que eu.

Daí a dois ou três dias vestiram-me em escuro e quente sungão partilhante daquele pesar.

Tia Isabel Eduardo, sensível ao meu abandono, veio disputar-me à minha mãe.

Entre as duas feriram-se repetidos diálogos; emocionantes, ásperos.

De um lado a estremecida viúva lutando para não a despojarem de sua última cria. Do outro, a mulher que não conseguira conhecer os abençoados caminhos da maternidade, e persistia mãe.

Afinal não se deixou abater o amor. A vulnerada economia doméstica, de lar sem chefe, prevaleceu. Sem mais chorar, nem se queixar, a Dolores deixou-me ir.

levaram-me de trem para Pacatuba com a condição imposta pela viúva capitulante: por três meses seguidos, o filho arrebatado teria de cumprir luto pelo paizinho morto.

Foi meu primeiro tributo à vida.

TEMPO SUBJETIVO

O menininho, órfão de pai, ganha apelido no novo lar: Litinho. Cresce e se ajusta a universo elaborado, nesses primeiros instantes, mais pela memória alheia. Não são os seus sentidos que o informam do mundo, nem a cercadura ambiente; nem os olhinhos azuis cintilantes – assim tanta vez mencionados – que vêm e apreendem para guardar no coração e na saudade; mas os que o tomam ao braço na lúdica eterna, feminina.

Tudo se lhe vai entranhando com a argamassa do tempo: coisas que cabem dentro e fora da casa; sons e cheiros; um novo sabor de leite não sugado a seio materno... Tudo, tudo mesmo, até as sombras vão ensinando ao menininho o que é a vida e o mundo. De mestra, desde esse alvorecer de infância, a terceira mãe conhecida, a Raquel, simplória e enérgica ama. Não chegou à nossa casa pela porta da frente. Veio pela dos fundos: na bolsa de palha o vestido de muda e a rede. No coração, bastante afeto para me dar.

Era escura, acobreada mais para parda, uns cabelos dando a impressão de alisados à força. Empurrados para trás, presos por longos grampos reluzentes, teimavam cair

na minha redezinha branca de ente querido, primeiro sério problema dessa babá que me seguiu por quase meio século.

- Estará doida? Um grampo acaba furando o menino!
- advertia minha mãe de criação, perdendo sua comovente serenidade.

Já aí por esses dias, com ser fiel e amativa, mostrava-se incontida respondona. Não ouvia reprimenda sem dar o troco na hora.

- Fura não! Furando, curo na reza e na mezinha.
Curava.

A casa de meus avós em Pacatuba, primeiro e verdadeiro mundo animado por João, Isabel e Raquel, lugar onde mais tarde acabaria se agasalhando minha mãe, acompanhada de meus irmãos.

Tudo impreciso em minha memória tardia, por mais que me esforce em lembrar os detalhes de estrutura e funcionamento. O que me vem à mente são restos de sonhos ou visões; o despertar inseguro do passado. Mas em rigor o Deus que está em cada um de seus filhos elaborou os meus próprios dias e o universo em que vivi, vivo; viverei. Não de todo percebível, portanto, os contornos representativos de minha infância experimentada na semântica amativa de tão fiéis amigos, desde então pastadores de minhas dores e alegrias.

Os dias de criança, vividos em Pacatuba, são indecodificáveis. O que os outros vieram contar depois, mais tarde, soa irreal, não honra a verdade.

O testemunho do que fui está mesmo em mim, parte do mistério de tudo que o conhecimento humano jamais poderá revelar a contento.

A infância não se elabora imaginando explicar-se no futuro.

Vive. Simplesmente vive.

FLAGRANTES

*Hoje, tem espetáculo?
Tem, sim, senhor!
Hoje, tem goiabada?
Tem, sim, senhor!
E o palhaço, o que é?
É ladrão de mulher!”*

O palhaço não era importante, mas representava o espetáculo. A ele, herói anônimo e divertido, acudíamos a ver aos circos que demoravam em Pa-catuba.

A passeata de meninos (um desfile de anônimas emoções); o bombo (batido por mim apenas em pensamento) e a corneta (dava tudo para tocá-la!) alvoroçavam-me os sentimentos.

Da janela da casa avistava ao longe a velha mas imponente empanada açoitada pelo vento e a vida.

A noite, quem ia freqüentá-lo havia de carregar os próprios assentos até à platéia.

O pai que me criou, João Pereira Campos, nessas horas fazia questão de ter sua inseparável cadeira de vime.

Eu levava-a na cabeça.
Era como se conduzisse o trono do Rei.

Eu andava pelos nove anos quando a secretária da escola me parou, a indagar segredosa:

- Sabe quem são seus verdadeiros pais?

Vendo-me indeciso, tornou-se pérfida:

- Diz como se chamam, diz!

Confuso e sem entender, não podia falar.

- Anda, abre a boca... Diz quem são os teus pais!

Inocente, sem me considerar vítima dessa perversa, respondi afinal:

- João e Isabelzinha.

Ela riu-se. Ainda hoje sua maldade se lhe ri. Depois, manhosa e solerte, mas debicante, retrucou:

- São nada! Quer ver, pergunte a eles!

Ia correndo pelo corredor - "mamãe! mamãe!" -; o vidro de leite na mão, o leiteiro advertindo:

"Vá devagar, você cai!"

Cai. Na minha frente, cobrindo os estilhaços do vasilhame, a alvura densa e pastosa do leite tomou o ladrilho.

Lívido, comecei a tremer.

Minha tia-mãe já me segurava nos braços, acarinhando-me.

Raquel morria-se de aflição, e acudia pedindo:

- Não chore! Não chore!

Pela porta aberta, o pobre leiteiro testemunhava indulgente, e perdoava.

Nunca chorei tanto na minha vida!

Não cheguei a morar em casas como as de hoje, nas quais já se não ouvem o sofrer e a alegria de vizinhos, vazados pelas paredes. Menino fui dos de outrora,

longamente de ontem, ouvindo sem querer as ressonâncias domésticas de criaturas vivendo parede e meia, gente de goteiras no telhado e na própria existência.

Cresci num ambiente de mel e ternura humana, protegido dos maus espíritos. No pescoço o cordãozinho de ouro de lei, e nele, além de peixinho de escamas articulado, a figa de ébano capaz de afastar a inveja. As vezes me faziam passear de mão em mão como boneco gracioso, a me quererem cantando “palminhas de Guiné.”

Aos oito anos já me permitiam deitar na calçada, igual aos menininhos maiores, fingindo-me fruta madura ou a acompanhar os mais espertos na manja:

“Una, duna, tena, catena, um pra lá, outro pra cá!
Una, duna, tena, catena, um pra lá, outro pra cá!”

Por diante, mais taludinho, ia rondar o grupo de mocinhas álacres:

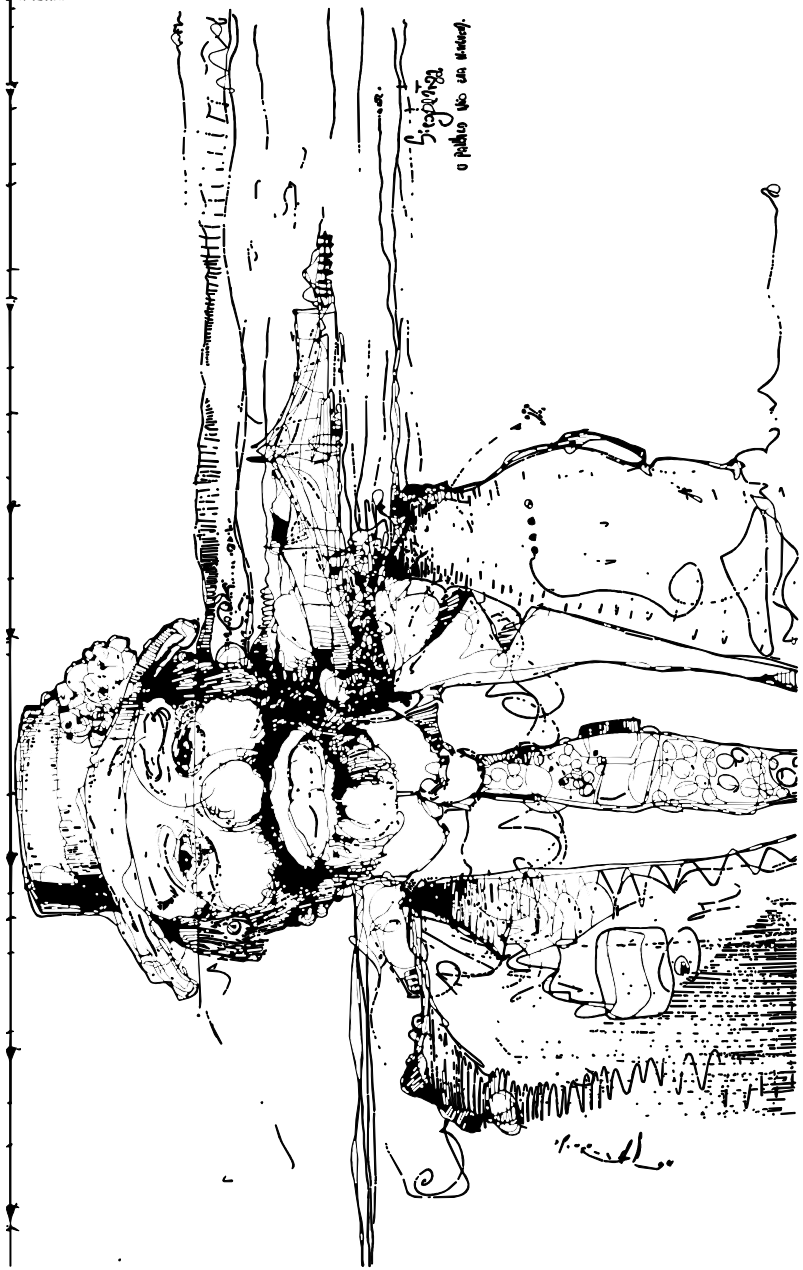
“Eu sou pobre, pobre, pobre, demavé, mavé, mavé...
Eu sou pobre, pobre, pobre, demavé, decê!”

Paupérrima, a prima desfazia-se de seus míseros filhos. Atraia-os todos a rica, designando empafio-sa: “este para alfaiate”, “outro para maquinista”, o seguinte “para doutor”...

Ah, as necessárias e queridas primas!

Hoje, não mais vigorante a sua alegre convivência. O trem de vida, a exigida pressa que nos cobra o tempo – e mais moda, costumes e conveniências, modificaram tudo. Era de gosto imaginar primos casando entre si, gente que se dava, prometida, quando nem passava da infância para a adolescência.

Prima adivinhava o instante de virar a página do álbum de família, para tocar os dedos do parceiro, a sentir-lhe a emoção epidérmica, o breve murmúrio de lúdica paixão.



Handwritten text: "K. K. K." and "a picture was not intended."

Quem se criava assim não tinha tempo de pensar no mal.

O tempo media-se por esses e outros venturosos momentos de atenção, por desejos que podíamos decifrar em disfarçada transparência. Valia o devaneio, voluptuosa entrega de sentimentos a favor do paraíso inatingível, ficcional.

- Sonhando comigo, vire a rede. Quero **te sonhar** também, - dizia-se.

Ah, quantas redes virei!

Ah...

Hoje, viro a saudade.



A CASA DE MEUS AVÔS

Não estou sozinho na caminhada pelo interior da casa de meus avós em Pacatuba. Ao meu lado segue a criança que ali viveu e jamais se desfigurou. Há tempo não adentro o casarão onde, por alguns anos, funcionou o Ginásio 8 de Outubro.

E me sinto ingrato, mas perdoável.

Torno ao lar abençoado de meus avós, e me contento ainda com tudo que vejo, principalmente com o que o tempo tentou esconder ou atenuar nas minhas teimosas emoções.

O chefe de família era o velho e respeitável Joaquim Eduardo de Souza. Conheci-o de foto. Homem a não mais poder.

Digno com os amigos, compreensivo, reto em atitudes. Quando nos deixou para sempre, terá ido direto aos céus carregando consigo a grande preocupação que o animou enquanto viveu: perdoar.

A avó, chamada pelos mais íntimos (e o povo) de Dona Isabelzinha, ficou para ser cuidada pelos filhos; e zelar os netos.

Asmática. Ao lado de rede branca, como os seus cabelos lisos, tinha à mão uns pós eventualmente agradáveis de cheiro. À feição de incenso, queimava-os à hora

do acesso da enfermidade crônica, envolvendo-se em fumaçados misteriosos, etéreos.

Meus pés percorrem o mesmo lugar em que ela passava a rede. Daí, pretextando o enfiado do piso de cimento alisado caprichosamente por quem o fez, transferir-se-ia para outra dependência atijolada no recesso do casarão.

Ao redor dos nove anos ocupei o chamado “canto da vovó”, demorando os dedos na superfície brunida com pericia artesanal, a cumprir inocentes deleites de que nos fala Mêncio, e só inteligíveis às crianças.

Vou ao interior desse lar abençoado. Aliás, vamos os dois, eu e o outro que fui antes, senhor desses aposentos quando a imaginação ajudava a tornar tudo maior e mais rico, e melhor do que agora.

As paredes e o chão marcam-se por anos e anos de encaçada vivência familiar.

Quando termina o corredor, deparo a sala larga, ampla peça da intimidade conventual do domingo à hora do almoço. Ausente aí a mesa farta de antes, guarnecida de frutas da feira; atas apetitosas e frescas bananas recém-chegadas de algum lugar da serra; e laranjas, e limas, e tangerinas...

Para as crianças não faltava a mariola, nem a banana seca. Apetecente o tijelão de doce de leite encascorado à força do suco de limão; e outro, mais generoso, a exhibir uns deliciosos suspiros, como não ausentes as broas da Maria do Ó.

Meu irmão, que está comigo, recorda.

No fundo do quintal (pareceu-me, por anos, uma grande gleba), faleceu pessoa dessa vigência familiar. Por mais tente trazer seu nome à memória, em vão. Para mim,

em rigor, não se morria ali. Quem desaparecia, ausentando-se da vida entre aquelas quatro paredes, simplesmente mudava-se para outro lugar de onde podia voltar um dia, o que jamais acontecia.

Meu avó, arredado tanto tempo do nosso convívio, era como se ainda estivesse conosco na casa, e com ele os outros parentes solenizados nos retratos (que não vejo mais) pendurados na sala de visitas.

Sinto-me comovido. O coração se me aperta à contemplação de portas e janelas, e alcovas solitárias onde se firmam as testemunhas do tempo, as bandeirolas, os armadores de ferro visíveis nas paredes branquejadas de cal. Naqueles a marca de óleo que lhes enlanguescia a estridência despertada pelo vai-e-vem de alguma rede armada e balançada na solidão da noite. Nas correntes, que não mais existem, a mãe que me criou trançava um pano de algodãozinho branco, redutor de insólitos ruídos à hora do sono.

Das janelas de frente podia vigiar a rua, pessoas e coisas, em dias de enxurros; olhar e ver deslumbrado a minha primeira paixão, a chuva. Via-a, derribada no chão, cascatear ao longo das coxias, e, borbulhante, ir-se, passando, passando..., sem passar nunca.

Haveria de ficar, ficou. Filhou-se personagem de algumas breves histórias que escrevi, adulto.

No quarto dos armadores perduram as interdições iniciais de minha tia-mãe; proibido o banho do André onde, como contava, eu fora visto em pesadelo sofrido perecendo afogado. A desmagoar-me pela recusa, que me feria fundo, permitia fosse desarrumar as cadeiras de palhinha e madeira preta, roliça, nas quais compenetradas, noutras horas, sentavam-se as visitas em pose de retrato antigo.

Época difícil para mim. De muita incerteza, quando não sabia que profissão teria na vida, se de maquinista em trem de carga, ou condutor de bonde.

Agora, enquanto sinto o coração tocado pelos sentimentos, entranho-me voluptuoso no tempo que se foi e não é mais; mas teima demorar comigo...

Atravesso a rua. Do outro lado do passeio contemplo a antiga residência. A calçada, rebaixaram-na as posturas municipais, tornando-a menos ativa. Mas as telhas, entornantes da água de abençoadas chuvas, estiram-se longevas, limosas e veneráveis.

As portas, por enquanto cerradas, protegem-lhe a respeitável antigüidade esmorecente.

De repente não agüento demorar mais.

Sáimos, vamos caminhando eu e o menino da Dolores – ou da Isabelzinha –, que ali conviveu com os anjos.

Somos três por agora. A velha e querida casa segue também conosco. Impossível apartar-me dela.

DE FORTALEZA A PACATUBA

Pacatuba não possuía apenas o sortilégio do nome; era apelo cheirando a gramíneas orvalhadas. Imaginava-a afastada, mas pensando bem, muito próxima do meu coração sua orografia altanada, por onde se despencam rumorejantes córregos, enfiadas águas que, o ano inteiro, fogem morosas até o mar distante, depois de contentadas as barragens ao pé da montanha. Embaixo os biscateiros de rua, vendedores humildes que então pareciam não dormir, acordados à passagem do primeiro trem cargueiro da madrugada, apregoam saborosas atas, broas, bananas-secas, rosquinhas, sob invejável ordem de quem se resigna à pobreza.

Pacatuba eram também lerdos animais; uns jumentos nos quais cavaleguei firmado em desconfortante cangalha, por não me concederem o uso de sela uma das dez proibições fundamentais de minha mãe ao meu desfrute campestre.

- Menino tem de andar em cangalha. É mais difícil levar tombo.

Na Capital, onde passamos a morar, ansiava visitar Pacatuba, ocorrência privativa do mais demorado dia da semana: o sábado. Por isso seguia curioso a marcha do

marcador de datas, um calendário com flamejante Coração de Jesus, que diziam não cessar de pulsar em favor da humanidade pecadora. A Ele dava-me cheio de esperanças; torcia e pedia para apressar a terça, a quarta, a quinta-feira... E não tardasse fazer amanhecer o sábado, o da viagem a Pacatuba.

Por fim a hora, o aguardado instante em que, pelo anoitecer, João chegava do trabalho sobraçando pacotes: uns mimos de bolacha, macarrão, latinhas de manteiga, para contentar os amigos pobres da Confraria de São Vicente de Paulo.

Ao alvorecer o sábado, já estava à porta da casa o chapeado 33. Nunca faltou ao encargo de conduzir a bagagem da família: duas malotas de couro ta-cheadas, o amarelo dos cravos de metal, polido tenazmente com Kaol, soltando chispas.

Seguíamos a pé até à Estação para embarcar. Agasalhada, mamãe insistia em me manter também protegido da frieza, enquanto a meu favor punha-se atento o João. Falava bonito! Dizia-me coisas, defendia-me, achava tudo aquilo uma tolice da Isabelzinha. E conseguia conservar na boca, aceso, o cigarro **Acácia**:

- Faz mal não! Deixe o menino em paz.

Afinal, o carro do comboio, o embrulho assinalando os lugares que nos cabiam reservados por antecipação e garantidos, entendiam todos, pela generosa gorjeta que meu pai metia disfarçadamente no bolso do dólmen do inspetor ferroviário. A esposa dele diligenciava de enfermeira, aplicando-me injeção, quando sucedia desmaiar na igreja...

Enfim, o trem partia; rolava a composição renteando o casario que grimpava o Morro do Moinho; adultos (sempre desocupados) e crianças (eram tantas) viam os car-

ros passar. Logo por diante os fundos de quintal da Parangaba; mais meninos e mais gente, sem ter o que fazer, dando adeus, dizendo palavras que os passageiros não entendiam...

Assim, vencendo as etapas da viagem, vinha Mondubim, Pajuçara, Monguba... E haja pregões de pães-de-ló, de amendoim torrãozinho, de roscas enfiadas numa vara, e por fim as deliciosas bananas-secas guarnecidas de papel encarnado.

Pacatuba também era Mãe Dolores.

Ela recebia-me à porta da casa de minha avó; braços e coração abertos me chamando de “meu lindo.”

Lindo, não sei. Mas dela, estou certo, nunca deixei de ser.

PACATUBA:
O MISTÉRIO DE SEUS SOBRADOS E FANTASMAS

Casas antigas, curvadas sob telhas e peso dos anos, vincam-se de paisagem própria, e, por isso mesmo, têm capítulo especial na minha vida. Fui pobre, mas bem nascido, rodeado de sombras que subiam às cumeeiras muito altas. Era grave cenário antigo, onde, no imaginar do menino temente a Deus e às almas, transitavam duendes precedidos por assustadores morcegos em revoada.

As residências de Pacatuba me pareciam assim: altanadas, grandes. Alguns sobrados, e não eram tantos, abrigavam assombrações das que, indo à noite muito à frente como nas histórias ouvidas pelas calçadas, ou contadas pela Raquel, gritavam só podiam deixar cair perna ou braço.

Cansado de aguardar um desenlace assombroso, entre tímido e ansioso no meu caso em particular carregava para o fundo da rede a grandeza, o terror, a glória de todos os personagens que, em vários momentos, povoaram minha infância.

À contemplação do sobrado da Pacatuba, construção centenária de três tijolos que valem em peso e tamanho a dez dos de hoje, imagino-o representando a época em que

o homem podia dispor de seus haveres – e de sua vida – como bem entendia.

Não constituía lar, por exemplo, com a preocupação de obedecer à moda passageira, a pretendem modificações da estrutura física, para o futuro. Erigia-o, determinado a construir o perdurável, sufi. cientemente duradouro, capaz de abrigar a família e fazê-lo feliz por seguidas gerações.

Assim penso ao entrar de casarão a dentro, c piso de tábuas rijas rangendo sob meus pés, enquanto demoro a vista nos detalhes austeros da decoração interna, geralmente de simplicidade adulta. gosto e experiência que só os antigos compreendiam.

Tudo no sobrado do João – antes pertenceu ao Polidório, e muito atrás aos Justas, com honra de albergar Gonçalves Dias, Freire Alemão e o casal Agassiz em sua viagem ao Brasil, no século passado

como em todas as grandes e envelhecidas casas que conheci, imprime-me ao espírito surpreendente noção de segurança, imbatível confiança em Deus e no destino do homem.

Outrora as pessoas podiam ser infelizes nos amores, porém não mudavam de mulher à pressa. Tragédias passionais realmente sucediam, mas só a ocorrerem por caprichos da vida.

Adentro o sobrado, passo a passo...

(Devagar, homem; não perturbe!)

O silêncio navega aí nas noites de tédio e aflição, em conventual intimidade espacial; e toca o coração de quem dele se acode, qual força do imponderável, daquilo que não sabemos identificar prontamente e parece descer dos céus, tornar os que se recolhem, de noite, à solidariedade de suas grandes alcovas, mais submissos e desarvorados às vezes, mas nunca perdidos inteiramente à proteção do Senhor.

Creio que dessa contingência não fogem os habitantes de sobrados, construções de testemunho e ancianidade; marcos não só de nossas emoções, mas da vida dos que neles se abrigaram, ou de passagem, simplesmente os contemplaram curiosos.

Não importa estejam esses casarões desprezados hoje. Quanto mais alquebrados, abandonados, fundamente participam da moldura urbana em que se cultivaram. Não obstante a contundência dos que os rejeitam pelo moderno, ainda que sob a cirurgia implacável a dividir os dormitórios (por parecerem enormes), e acrescentar forros de proteção ao sono de geração medrosa ao respingar da chuva, – resistirão ao tempo.

O sobrado do João, em Pacatuba, põe-se diante de mim tal como o edificaram com sua respeitável existência gerando fantasmas álares e aflitos, que caminham nas noites de temporal.

Certa vez tive de cedê-lo a amigo desejoso de abrigar-se em seus quartos enobrecidos de silêncio e recolhimento. Para lá se dirigiu o novo habitante desse território de sonhos, de modo tão desafortunado que, na primeira noite, às desoras, sobre a cidade desceu agoniado tempo, todo feito de relâmpagos e trovões, atropelando com mil ruídos a forte chuva desabada.

O coitado não se advertira de como os fantasmas do sobrado aproveitavam as manifestações meteorológicas. Homem simplório, acostumado a morar em casa de não ter lá dentro, identificando pelas passadas o transeunte noctívago, não pode perceber a enciclopédia de mistérios de casa antiga que encastela duendes.

Quando percutiram os trovões nas vinte e tantas paredes dos quartos, aluindo na escuridão da noite a silêncio de cento e vinte anos, o homenzinho desesperou.

Desceu corrido, desapeado pelos fantasmas, pelo passado a que possivelmente não aprendeu a respeitar.

E certo: até hoje esse inquilino amedrontado não sabe o que perdeu.

Imagino o que terá sido a bela festa de relâmpagos e trovões estalejantes, ricocheteando nas paredes de alvura centenária!

Somente as trovoadas podem ameaçar o equilíbrio biológico de sobrados antigos, senhoriais.

De minha infância até agora, graças a Deus, testemunhei por várias vezes tão dramático e agradável instante de puro deleite pessoal.

Não sou dos que fogem de sobrados, simplesmente porque os trovões despertam duendes.

Adoro sobrados e fantasmas. Principalmente de Pacatuba.

Pacatuba encantou de relance o poeta do Icó, Antônio Girão Barroso. Viu-a, simples e humana, da janela do trem parado em sua estaçãozinha; e lhe ofertou uns versos:

“Lá-e-vem o trem lá-e-vem
com seu apito tão fino
vem danado pra chegar

Pacatuba-b-a-bá
Pacatuba-b-a-bá.

Corre, menina
teu pai chegou
o trem das nove
não já apitou?

Banana seca é o pau que rola”

Respeitável professor de História Natural, do Cantão de Friburgo, na Suíça, vindo ao Ceará em 1866, ao contemplar a intimidade da Aratanha, empolgou-se: “O caminho da montanha é selvagem e pitoresco, ladeado de imensos blocos, ensombrado de árvores e cheio de sons argentinos das pequenas cascatas que saltam de pedra em pedra. Neste clima, uma estrada assim interrompida por uma série de rochedos é particularmente bela devido ao vigor luxuriante da vegetação.” Chamava-se Luiz Agassiz. Foi hóspede dos pais de Juvenal Galeno no sobrado que, ainda hoje, encandeia com a sua alvura cintilante os pássaros da serra, e, durante alguns dias, acolheu o poeta Gonçalves Dias.

O sábio disse cordeais elogios à paisagem rural de Pacatuba; postou-se na Pedra da Saudade, pelo alto do Sítio Boa Vista, de onde vislumbrou o sertão “pouco acima do nível do mar, entrecortado aqui e ali pelo ondulado das colinas que se elevam, isoladas, na sua superfície.”

Conheceu de nosso ecúmeno privilegiado suas mais bonitas criaturas vegetais; embaúbas, carnaubeiras, jenipapeiros, paus d’arco e piroás. Cronista atento, observou: “A cultura do cafeeiro, que cresce admiravelmente nos flancos de todas as serras, constitui aqui grande fonte de prosperidade.”

Freire Alemão, outro viajante enternecido pelas coisas da natureza, em viagem empreendida até essa montanha, comparou as árvores imponentes da paisagem serrana às que se acostumara ver em Petrópolis.

E depois muitos outros vieram conhecer a cidade e a serra. E partiram. Nenhum, possivelmente, capaz de esquecer os bons ares e a boa gente do lugar.

Ninguém, no entanto, como o irmão do tenente-coronel Manuel Pereira, nascido em Guaiúba – conta João

Brígido –, que largando a guerra, na Cisplatina, veio de tão distante varando o sul e parte considerável do Nordeste, para chegar até a Pacatuba, e bater na porta da casa dos parentes, matando todo mundo de susto, aos gritos:

– Gente, voltei pra minha terra!

A CHUVA

Estava em mim, em múltiplos sentimentos indistintos, não precisados a magia e mistérios, se mistérios eram! Falavam-me dela como de ser que vivesse, dono de rancores e grandeza d'alma; um contar de dias molhados, a serra ensombrada e tosada pela neblina à feição de neve, e acastelada na meia altura de suas faldas.

Assim, na casa de meus avós, de dezembro a meados de abril do ano entrante. A chuva antes de ser já era, a agitar-se na fala dos adultos, com ou sem assoprados, farta d'água ou menos generosa, e repassada de curiosas mensagens: “desceu o rio”, “a cheia veio grande”, “os açudes sangram”...

Por sua vez, a Raquel me iniciava na pedagogia entretecida com o folclore da Guaiúba. E eu aprendia a importância dos dias molhados pela dama desejada; decorava avisos, a linguagem imperceptível de formigas e baratas tonteadas à previsão de sua chegada...

Mas o excesso do zelo materno infelizmente não me permitia conviver com a atmosfera aquífera. Freqüentes as interdições:

- Dá febre andar na chuva!

Ou então:

- Faz você tossir a noite inteira!...

Mas dia houve por fim a alterar o obsessante comportamento de meus pais. Mãe Dolores, deparando minha intenção de sair à chuva, aquiescia, enquanto renitente a Isabel não se rendia à idéia.

- Vai nada! Toma banho é no banheiro.

A outra, benevolente:

- Toda criança adora chuva...

- E a garganta dele? Só eu sei!

Chovia. Trovões desaçamados, que passeavam longe pelos céus, de repente vieram troar sobre a casa, percutindo forte. Aquilo afinal acontecia a meu alcance, a breves passos de onde estava, lugar abrangido pelos respingos; e adoráveis eram! A tanto ocorrente o desejo de me envolver nos ares úmidos, dar-me de corpo e alma...

Não demorou engrossarem os pingos repetidos e contínuos; em procissão qualificação da Raquel, cuja linguagem tinha apropriações religiosas para tudo.

- Deixa, mamãe - implorei, choramingando.

- Não, não e não! Que tolice é uma?!

O que quer que fosse que estava na água, a se precipitar ao chão, bem próximo do meu corpo, era estímulo à desobediência. Num repente, avancei de porta a fora, os olhos acesos - outra adequada apreciação da Raquel -, e me entreguei, inclusive de alma, aos encantos proibidos do banho de chuva.

As costas e à porta subiam vozes. Tenho para mim, passados tantos anos, que Dolores e Isabelzinha desautorizavam a ama, acusando-a de tinhosa e de me ter empurrado em direção à calçada molhada.

A empregada defendia-se com energia a protestar inocência.

Indiferente a tudo e a todos, aliciante, cariciosa, a chuva ia-se amasiando comigo numa intimidade, a partir dessa hora, de permanente fascínio.

Creiam-me os que me seguem por hoje: naquele momento, cantavam os anjos. E eu, seguramente, estava entre eles!



CADA IDADE TEM O SEU IÊ-IÊ-IÊ

Deitado em rede branca e de um só cheiro resgatado do aroma do fundo do baú de roupa lavada, o pai que me criou costumava cantar “A Casinha Branca da Serra”. Cansando, acudia-se dos aflitos versos d’ “A Pequenina Cruz de teu Rosário”, enquanto a mão de alongados dedos, que nunca me bateu, impulsionava-o em ritmado embalo.

Guerra Junqueiro, o poeta de sua preferência. Repetia-lhe estirados versos de simpatia a pobres e oprimidos, recitados em trêmulos e pigarros.

Aferrava-se à idéia de que o Estado de São Paulo, ao seu entender formidoloso, era vigorosa e imbatível locomotiva (em meu pensar a 402 da Rede de Viação Cearense), puxando o Ceará e demais Estados da Federação.

Soava terrivelmente como despropósito sua preferência por aquelas canções, ao me iniciar na adolescência de tímidos pecados bíblicos, e a aprender as gaiatices de carnaval, ainda que temendo os papangus.

Por que Guerra Junqueiro? Por que a “A Pequenina Cruz de teu Rosário”? Por que São Paulo haveria de ser a locomotiva do progresso?

As mesmas incompreensões às preferências paternas, hoje, repontam em meu filho quanto a num.

Tal qual o João, gosto de rede – não mais tecida de alvura inocente, mas colorida de fortes tons como dita a moda, despida do cheiro de fundo de baú –, a me embalar cantarolando melodias que integram o contexto de minha pedagogia musical.

E não demoro a descobrir, com surpreendente transparência, os “Beatles”, o rock, os gritos de iê-iê-iê, a bossa nova. A hora em que escrevo, tudo isso semeia em meu filho, sem lhe dar a perceber, o embrião da saudade, todo um processo rememorativo que ele resgatará pelos cinquenta anos.

Só então posso entender o João, os nuançados de sua grossa e desentoada voz – voz de ontem, como a minha se representará um dia – a trautear ou desfiar melodias de venturosos instantes, antes do impostergável compromisso com a morte.

Escrevo sob comovida saudade, na intenção de os que me lêem nunca deplorarem, como fiz, os que repetem velhas e longínquas canções.

Cada idade tem o seu iê-iê-iê.

Os moços, de hoje, testemunharão um dia essa

DIA-DE-MUDANÇA

Vim de longe, de 1923: Fortaleza possuía 88 automóveis. Nas ruas desfilavam carroças, que embaralhavam o trânsito. Edificavam-se sobrados de dois e até três andares; o dólar valia pouco mais de 10\$000 rs., e fazia sucesso um bailarino Bueno Machado, dançando 32 horas sem parar. As crianças – também os adultos – podiam ir ao Diorama ver 2.000 brinquedos de movimento...

Oito anos à frente, já minha família estava morando na Capital, e era chegada a vez de irmos para a Rua do Imperador, nas areias, como se dizia a vezo pejorativo.

Dia-de-mudança...

Impaciente, esperava-o ansioso. Primeiro pelo caminhão, tradicional e emperrado carro utilizado para o serviço. Segundo pelos carregadores, capatazia ruidosa mas diligente em conduzir móveis, de caso os nossos, sob pertinentes (e não pertinentes) observações da minha mãe.

– Devagar com o oratório – recomendava.

– Não quebrem o vidro do móvel. É cristal! – aduzia.

A vizinhança participava furtivamente. As janelas, enquanto perduravam os trabalhos, os curiosos. Havia

quem fingisse reparar o tempo, falar assunto diferente, ou alterar miudezas com algum vendedor ocasional...

Mamãe detestava essa platéia intrometida.

- Gentinha curiosa! Quer mais é saber o que temos dentro de casa.

Esquecia de que ela mesma vendo os vizinhos em mudança, encostada aos postigos para não ser notada, encompridava interesses pela mobília alheia. E de vez em quando, em cacoete com sua marca, fazia “hum, hum...”

Agora, ao momento da chegada à Rua do Imperador, não havia como evitar a curiosidade de quem já morava ali, advertia-se da vinda do “seu João” por trabalhador alugado. Este, diligente, viera lavar a casa, da cozinha para a porta da rua, como autorizavam as superstições. E, de igual modo, varrer o cisco...

Havia por então um cheiro gostoso de tijolo vermelho úmido, usufruente. E na cozinha, onde se arrumava a lenha do fogão em achas, circulante um odor de hospital ou vacaria: era a criolina desentranhando imperceptíveis contaminações.

Terminado o serviço e despachados os trabalhadores, meu pai elegia de imediato o local para situar as mudas de bananeira, aproveitando a água que pretendia desviar do esgotador da pia. Minha mãe, jardineira de vocação, metia duas ou três palmeiras mais crescidas em latas de querosene **Jacaré**, e logo dispunha os seus virentes caládios sobre a mureta do alpendre, vigente por esses dias na arquitetura comum de quase todas as residências.

Á falta de ligação da energia elétrica, adiada para o dia seguinte, urgiam providências na primeira noite quanto ao preparo de improvisada iluminação. O João dizia bem alto, com afetada importância:

- Ponham outra **vela** no meu **Coleman**.

Mas ele mesmo aprontava o seu lampião de estimação.

A arrumação dos móveis entrava pela noite. A essas alturas, passando da segunda carteira de “Acácia” o João vinha reclamar o enfado que lhe tomava os braços e as costas, enquanto mamãe, aparentemente frágil, parecia não se render à trégua.

Afinal, aquiescia:

– Mas temos de dormir de rede. Nossa cama ainda está desarmada.

Amanhecendo, restabeleciam-se os cuidados da arrumação doméstica completada antes do meio-dia. A mesma hora ia efetivar-se a gestão diplomática entre os vizinhos, a familiarização com a comunidade do bairro.

Não demorava, noite adiante, darem-se as primeiras visitas, ofertas e favores, não faltando a fria água dormida, os paus de lenha para o fogão, e sobretudo as advertências quanto à esperteza dos vendedores de rua, notadamente leiteiros e verdureiros.

– Não convém confiar no peso da carne – dizia um.

Outro: – O pão melhor é o da Padaria Ideal.

Mais uma semana, se tanto, estávamos integrados na coletividade, a desfrutar a amistosa vivência, tomada tradicional a reunião na calçada após servido o jantar. Fluía então animada a prosa solta, um contar de pouca pressa, renarrante de milagres, assombrações, estórias e também histórias, principalmente de desastres.

“Seu” Victor, maquinista da RVC, pontificava aí. De se lhe ver a figurinha miúda, nervosa, num pé e noutro referindo:

– Dia veio, gente, em que descendo a ladeira do Itapaí, a mais de mil por hora, o poeirão ficando atrás,

de repente cadê freio na máquina? Que olha o breque é esse! Tudo, babau! Então, comecei a me arrepiar só em pensar como ia ser difícil breicar a safada da locomotiva em descida infernal. O coitado do foguista, apalermado, só fazia dizer: “e agora, e agora, seu Victor?” Haja, coragem, homem! – respondia-lhe procurando valimento, um restinho de freio, e, principalmente, meu padrinho (dizia **padim**) Cícero. Abaixo dos poderes de Deus, foi quem segurou o trem, amansou a fera da máquina, enquanto subia no ar o cheiro forte de ferragem quente, ferro com ferro...

Numa ou noutra noite em que sentados na calçada os homens tinham pouco o que dizer, eu propunha tímido ao João:

– Pai, pede pro seu Victor contar o “desastre” dele.

Outra vez o experimentado maquinista recontava tudo, a enfeitar o episódio, passeando ao redor dos presentes. Da narração alongada, agradava mais a passagem em que, menos aflito do que dramático, ele exclamava:

– Valei-me, meu **padim** Cícero!

Convém admitir: o homenzinho não estava só na cabine da 205, o mais importante personagem da história. Via-me na companhia dele, descendo o Itapaí, os cabelos levantados pelo medo e o vento, em saboroso gosto de aventura que jamais voltaria a experimentar.

A DOR DA CARTA

Mal empurrei a porta do quarto, inexplicavelmente encostada, deparei mamãe sentada na cama, defronte ao oratório de cedro onde demoravam seus santos – São João e Maria Santíssima, a Mãe do Senhor –, e por trás dos quais, de modo irreverente, ia guardar o troco das compras da mercearia, ou a pule do jogo de bicho.

Chorava. Na mão, como se aquilo a amarguras-se, emocionada prendia um papelucho muito por diante identificado corretamente por mim: perversa carta anônima.

Emocionada, envolveu-me nos braços enfiados me cobrindo de beijos.

– Filhinho do meu coração, inda bem lhe tenho por companhia! Ah, era capaz de morrer, se você não existisse!

Havia entre aquelas quatro paredes uns sentimentos maltratados, algo que criança não pode definir, e crescia com o silêncio, a solidão que também queria dizer ausência da Raquel, de visita a parentes em Joaquim Távora, logo lavada a louça do almoço.

A tanto, mamãe reatou o pranto.

Menino não pensa que amor contrariado vulnera a pessoa, não entende certos caprichos, a inquietação de

estima desdenhada; – está longe de compreender as malvadezas do ciúme, nem tem condições de apreender a insidiosa malícia de denúncia escrita... sem assinatura.

Abracei-a comovido; senti seu coração, avezinha assustada, pulsando desamparado, à pressa.

– Dói? É o braço? A cabeça?

Era amor magoado, eu não sabia...

Soltei-me dela, disparando até a cozinha para lhe trazer um copo d'água, o que me davam a beber quando também chorava.

– Tome, mãezinha, tome!

Ela transmudou-se. Por instante pareceu libertada de tudo aquilo que a dilacerava.

Por breve espaço de tempo, só enquanto se serviu.

Em verdade, longe de me sorrir outra vez feliz, reincidiu nas lágrimas, com desespero. De repente, como se algo a incomodasse de modo mais agudo, passou a me dizer com energia:

– Não, você não! Não, só eu!

Sem perceber, eu chorava convulsivamente.

OS MENINOS DA BANANA SECA

- O Manuelito ia se perdendo em Pacatuba.

Era como costumava considerar a Isabel o resultado de férias desfrutadas na cidadezinha, após apurada a denúncia das Irmãs Florença (residiam nas proximidades da estação ferroviária) de que eu “andava me metendo com a cabroeira de rua.”

O currículo da infância, em lugar em que todos se conhecem, corre sujeito a inesperadas interferências, à conta de amizades ou excesso de zelo comunitário. Na verdade, eu convivia com pequenos vendedores de rua, notadamente os que iam mercadejar frutas e doces à passagem dos trens, o comércio da calçada da estação, quando portavam caixinhas de madeira quais bodeguinhas de vender fogos, nestas arrumados os pacotes da mercancia, apetecentes passas de banana.

Se os adultos dispunham dos bancos da pracinha do lugar para contar anedotas, reparar a vida alheia, jogar gamão ou discorrer sobre adultérios nunca flagrados, quem transitava da infância para a adolescência deparava, nesse ambiente, o espaço apropriado à didática mais escusa da infância.

Ali aprendi o meu primeiro gesto chulo, imoral, o cotoco; a acintosa irreverência de “dar banana”, procedimento efetivado com incisivo movimento de braço levado à frente do corpo e, no meio da ação, contido de sopetão por golpe desferido gaiatamente pela outra mão. Aquele e este identificando, de forma bastante pícara, o sexo espartado.

As Florença não paravam de vigiar a récula de meninos, a lhes anotar todas as vulgaridades e, principalmente como referiam, os “excessos da mente suja”.

Certo dia, a mais idosa das três irmãs, inexpugnável em seu imaculado indumento branco, chamou-me à fala:

– Psiu! Sua mãezinha sabe que você **anda** aqui?

– Acho que não.

– Pensou no desgosto da Isabelzinha ao saber que você anda mal acompanhado?

Sem me deixar falar, continuou áspera.

– Olhe pra mim, com respeito, e me responda de modo mais educado. Diga: “sim, senhora.”

– **Sim, senhora.**

– Pois bem, vou enredar de você. Não faço para prejudicá-lo, só desejo o seu benefício. Cumpriu o dito.

De resultado me castigaram duas horas sentado numa cadeira da sala de visita, bem diante de meus antepassados ali protegidos por vidros amarelecidos e sombrios, e de olhar inquisitorial, incomodante.

Ao outro dia, sob reprimendas a Isabel obrigou-me acompanhá-la à casa paroquial. Enquanto nos acomodávamos em ampla sala carente de ventos e vigiados pelos gatos de estimação da residência, de braços cruzados o Padre Godofredo Cândido dos Santos, muito senhor de sua importância, ouviu o relato de que eu, a ameaçar minha formação religiosa, “andava ultimamente muito cheio de venetas e danações.”

- Sim, sim...

- Se possível, reverendo, queria tê-lo freqüentando a Cruzadinha.

Bondoso, o sacerdote me ergueu a cabeça, apurando-a, e tocou-me o queixo em gesto afetuoso de acolhimento e indulgência.

- Ora, ora! parece tão comportado! Um rapazinho!

Correu a mão pesada e entranhada de leve odor de laranja sobre meus cabelos encaracolados. E se voltando para minha mãe, indagou:

- Fez a primeira comunhão?

Visível a aflição da Isabel, a se desculpar. Não sabia como, se descuidara, eram tantos os trabalhos... Mas em verdade pensava muito em mim, receando-me perdido pelas más companhias...

- Hum...

Aquele "hummmmm"... significava um quer que fosse de desagrado e repreensão ao evidente descuido religioso materno. Perante a Igreja, no meu caso, faltara zelo...

A Isabel, surpresa, torcia as mãos nervosa. E tentando escapar do delito, a modo de justificação confessava ter errado por excesso de cuidado. Gostava tanto de mim! Vi-me inocente, criaturinha frágil para o mundo!...

Diante disso, o padre tornou-se aquiescente:

- Pois vou receber o rapaz. (Dirigia-se a mim, conquanto na verdade falasse diretamente à minha mãe). Vai gostar dos coleguinhos, todos bons meninos, tão arrumadinhos... Na Cruzadinha, felizmente não temos tido problemas. (Voltou o olhar para minha mãe). A senhora não imagina como cuidamos dos que se consagram à irmandade! Uns inocentezinhos... Dou até prêmios para incentivá-los. Vez por outra, os acompanho ao banho na bica das Andréas...

- Temo demais as más companhias! Os garotos, hoje, infelizmente são tão sabidos! No meu tempo...

- Não se preocupe. O rapazinho (olhava agora diretamente para mim) fica resguardado de tudo. Não há o que temer. Quero bom comportamento na Igreja. Nada de brincadeiras e expressões vulgares.

- Que beleza! - esplendeu minha mãe, radiosa.

Solene, o bondoso pároco encerrou a entrevista:

- Só a pureza numa idade desabrochante importa para Deus.

Ao outro dia, Raquel deixou-me na sacristia da igreja. Mas de volta a casa, relatou à minha mãe que eu fora recebido debaixo de vivas e gritos de entusiasmo.

- Gostam muito dele! Ficaram em sua volta, tão animados, que a orientadora religiosa veio correndo ver o que se passava!!!

De verdade, os companheiros de regeneração, chamados àquela convivência, eram os pequenos vendedores de banana seca, da estação ferroviária.

PRESENÇA DO RÁDIO E DO TEATRO

A casa da Rua do Imperador, onde a família demorou mais tempo (por volta de dez anos), tinha duas portas de frente como de costume dizer, quando janela e porta estavam viradas para o passeio, as venezianas articuladas abrindo para fora, procedimento a não tardar obstado por postura municipal, admitidas daí por diante as que não se movimentavam daquela forma, prevenindo não raros acidentes com os transeuntes.

Cada compartimento, pintado a pistola (técnica adotada à época), recebia tonalidade especial através de caprichosa aplicação de clichês previamente estabelecidos e ostentando vegetação, frutas, ou figuras geométricas simplesmente. Os ambientes ganhavam, desse modo, particular colorido. De bom tom a sala pintada de azul claro, diáfano. O corredor, iniciado amiúde sob a proteção de tradicional quadro do “Coração de Jesus”, tingiam-no de róseo. A primeira e segunda alcovas ganhavam tons verdes. A sala de jantar – como em nossa residência – repetia o azul celeste da sala de visitas, enquanto o alpendre, cozinha, dispensa, banheiro e privada, tomavam demãos

de ocre – mais acessível à repintagem – e rodapé de quase vinte e cinco centímetros, vermelho forte.

Mais que o sentido de amizade a disposição das peças, nessa arquitetura comum em quarteirão de residências pegadas umas às outras, fazia com que os vizinhos próximos (“seu” leão, “seu” Cavalcante, “seu” Victor, o maquinista) se encontrassem na calçada do João, circunstância propiciante, pela mesma razão, à reunião de meninos e meninas para se divertirem à vista dos pais.

Raramente participava da roda dos adultos o Dr. Nazareno Pires. ilustre e letrado. Agrônomo e professor, funcionava junto aos demais nas ocasiões peculiares como orientador ou desempatador de discussões.

Ao acalorarem-se os debates, à perspectiva de se aze-darem os ânimos, minha mãe acudia a sugerir:

– Pra que isso, gente? Consultem logo o doutor!

E lá partia meu pai, emissário dos exaltados, até a casa do vizinho importante que sempre o atendia educado – como fui compreender depois –, apreciando chamarem-no àqueles esclarecimentos.

Á porta do doutor detinha-se o João, a cabeça descoberta (raro nele), a rodar na mão o inseparável chapéu de palhinha então em moda. Não o satisfazendo as palavras ouvidas, por lhe desagradarem os pontos de vista, instintivamente cobria-se, gesto que aos demais espectadores soava como insucesso.

– Botou o chapéu!

– Perdeu, redondo!

Mamãe então, mais que ligeira, apressava a Raquel pouco animada a tanto:

– Vai, vai preparar mais café!

Devo a Nazareno Pires meu contato com os segredos da radiodifusão, assim como a minha iniciação no teatro.

Homem instruído, dono de biblioteca bem nutrida, em razão das aulas a que se obrigava ministrar na Escola de Agronomia, dispunha -diferente dos demais vizinhos - de local próprio para estudar e refletir, o gabinete, espaço edificado ao lado da sala de visita, também nomeado “escritório”.

A um canto, amimado em cima de bem cuidado armário de ferro esverdeado, operava misteriosa caixa emitindo sons, música e também vozes, tudo debilmente modulado por um bandejão de papel escuro orgulhosamente chamado “amplificador” pelo dono da casa, seguramente o primeiro alto-falante que me foi dado ver e ouvir.

A me surpreender entretido com os seus filhos, insistia em que o acompanhasse ao gabinete, aliciamento que haveria de significar bastante para mim:

- Venha, rapaz, venha se deliciar com o meu rádio!
Sei que você não tem isso em casa.

Estava certo. Aqueles sons assim brotados como que do espaço, nascidos do nada, exerciam em mim uma inesperada curiosidade. “Distante daqui” - explicava o doutor com a voz arrastada mas convincente - “está o estúdio, sala especial onde as pessoas, diante de instrumentos próprios, falam ou cantam para ouvintes, como nós, neste momento.”

Eram uns dias de 1935. Pelo meus treze anos, tomava conhecimento da existência de emissora radiofônica, a Ceará Rádio Clube - empresa inaugurada em 1934 e na qual me iniciei adulto, como locutor, para permanecer ao longo de quase cinco décadas:

Talvez fosse a estação ouvida então por mim na casa do professor; a voz estranha, entranhada de sentimentos misteriosos, que percorria o espaço e vinha até ali me deliciar.

Ao professor Nazareno Pires devo por igual o primeiro e efetivo encontro com a arte teatral. Antes, em grau doméstico, havia visto pequenas comédias (no dizer da Raquel, palhaçadas) no Prado, vividas em improvisado palco pelo meu irmão Airton e alguns primos, dentre esses o aplicado seminarista Expedito Eduardo de Oliveira (depois Bispo de Patos, na Paraíba).

Não foi fácil me deixarem ir ao Teatro José de Alencar acompanhando o Dr. Nazareno, a cujos apelos mamãe teve de ceder conquanto houvesse insistido na minha pouca idade, um “inocente” para espetáculos públicos...

Mas o vizinho venceu todas as restrições:

- E peça leve, tanto que encenada de tarde, em vespéral. Antes de servirem o jantar, estaremos de volta.

- Ele não vai entender nada!

- Vai! Seu filho é muito inteligente. Tenho certeza de que adorará.

- Mas...

- Eu me responsabilizo.

Resolvido o problema, a Isabel vestiu-me adequadamente, entregando-me aos cuidados do vizinho com mil e uma recomendações: “não fale alto”, “não pergunte besteira”, “não peca pra comprar bombom”, “não manche a roupa, é a do Catecismo”... E baixando a voz, quase inaudível: “não meta o dedo no nariz...”

À hora da partida, lembrou-me:

- Havendo imoralidade, faça o favor de pedir para sair.

- Fique tranqüila por isso, eu me responsabilizo. A peça, de modo algum é amoral.

E era, como pude perceber seguindo um dos atores, inxerido velhote que a todo instante, queria segurar a empregadinha de saia curta, saltitante, os seios fartos, a tamanha uberdade atufada no corpete apertado.

A platéia, constituída de gente avançada em idade, agitava-se às gargalhadas, torcendo marota para a má sorte da moça. E momento houve em que ela esteve para ser aprisionada, não surgisse um terceiro personagem, sortuda mulher, a correr atrás dos dois tendo à mão contundente cabo de vassoura.

Eu acompanhava toda a cena bastante surpreso e ao mesmo tempo interessado, enquanto o Dr. Nazareno Pires, acumpliciente, me indagava:

- Está gostando? É bom, hem?

Terminado o espetáculo, não demoramos voltar. Mãe recebeu-nos à porta:

- Então, doutor, o menino deu trabalho?

- Qual! Comportou-se muito bem, um verdadeiro cavalheiro. Espero contar com a confiança da senhora noutra oportunidade.

Despediu-se.

Vendo-o afastar-se, mais que depressa mamãe passou a me inquirir: "Ouvira palavras licenciosas?" - "No palco tinha alguma mulher com as pernas de fora?"

Com astúcia, resumi a peça numa frase de tímida explicação:

- Não houve nada demais. Só um homem correndo atrás da empregada da casa dele...

- Pra quê? PRA QUÊ?

Pensei um instante, sabendo pisar numa armadilha.

- Acho que pra brincar de esconde-esconde...

Raquel, encostada ao portal de entrada da sala, atenta ao interrogatório, encerrou a questão com reticente comentário, resumido e fulminante:

- Eu sei!

E mamãe acudiu-a, confirmando, no mesmo tom e intenção:

- Também eu sei.

A CAFUA DO MISTÉRIO

Sem me estorvarem podia ir a todos os lugares da casa, menos a sombrio quartinho, exígua peça localizada ao final da varanda pouco iluminada em virtude do sombreado das virentes bananeiras do João, adubadas principalmente com o seu olhar de fazer vicejar as plantas.

Raramente abriam-no, o que sucedia quando ali compareciam estranhos, amiúde uns tipos com fisionomia de negociantes de mercado, aparentemente abonadas mas vulgares.

A Isabel esforçava-se por manter-se alheada àquelas cenas, que a aborreciam. Transparecia-lhe a idiossincrasia a tais visitantes. E por certo detestava-os.

- Gente ordinária! Aproveitadores! - resmungava.

E quando partiam, passava a discutir com meu pai. De se lhe ver a exaltação encompridada, as faces vermelhas, sobressaídos ainda mais os olhos azuis. Pelo resto do dia, amuava-se. E Raquel não tardava a acudir-lhe, oferecendo:

- Faço seu chá de cidreira, forte?

- Preciso não.

- Precisa! A senhora pode ter um ataque, uma coisa...

Também influenciado pelas circunstâncias, podia entender que o João estomagava-se. Enfiava o chapéu de palhinha na cabeça e seguia em direção à mercearia da esquina, para afogar a aparente (ou verdadeira) irritação no quinado "Imperial".

Que dores não marcavam aquele coração magoado, vendo negociados por muito pouco o que resultara de sofrida economia, amealhada em Pacatuba...

Decorridos uns meses o que existia na cafua, secretamente reservado, despachou-se para fora, sumiu. A porta do quarto, até então conservada rigorosamente cerrada, já se mantinha aberta ou simplesmente encostada.

O João não mais importunou a Isabel. Passo a passo, fui tendo acesso ao lugar daqueles guardados misteriosos. O! decepção... Nada vilã capaz de justificar as cenas repetidas tantas vezes, a partir do momento em que os estranhos nos visitavam, tornando minha mãe irritada e nervosa. Por esses instantes, o que restara não significava mais do que uma vintena de baldes de carregar água; duas ou três caixas contendo ilhoses aproveitados em abotoaduras.

Largados, num e outro ponto, pacotões parcialmente abertos revelaram o que retinham: fivelas prateadas para cintos, e atacas de arreio para animal, além de urinóis às dúzias, imaculados, aguardando postergado uso.

Já mais tarde, por diante, pude perceber o doloroso segredo da existência da mercadoria avaramente preservada. Em verdade, as peças do intrincado quebra-cabeça ajustar-se-iam ao meu entendimento, enfim esclarecidas. A nossa casa compareciam compradores de pechinchas, gente de dar um nada pelo

que, em outra circunstância, seguramente valia mais. Ignoravam afligir minha mãe, e o faziam prostrando-a resabiada, triste. Não compreendiam que tudo assim posto, armazenado a desgosto, resumia o árduo passado pacatubano de meu pai, a economia juntada com o sacrifício de honesta mercância. Teria valido tudo isso, antes, 15 contos de réis, importância com a qual entrou em sócio com a irmã e o cunhado rico, pensando prosperar – o que não ocorreu – num futuroso negócio de ferragens então proposto.

Desfeita a sociedade, ao parceiro que permutara a estabilidade de Pacatuba pelos acenos progressistas da Capital, coube de resultado o dispare e anedótico acervo vendido a qualquer preço, muito a vagar, circunstância de levar a Isabel a espicaçar o marido.

– Você começou na sociedade com os seus parentes, o dinheiro vivo escutando a conversa e saiu com as mãos cheias de penico!

Essa a razão pela qual, por quase dois anos, a farta mesa de nossa casa tomar-se-ia frugal, e espaçada de dois e até três anos a viagem da família a Pacatuba, o que ocorria só então coincidente com episódios que me marcariam, entristecendo minha vida: junho sem fogueira, sem balão, sem alegria; Natal de mesa parcimoniosamente servida, salvo pela iniciativa da Raquel, muito rebelde nesses assuntos e, em duas oportunidades, diligenciando providencial ceia, indiferente à observação da dona da casa de “não haver dinheiro para tanto luxo!”

Mas o João era mesmo “duro na queda”, como referiu meu tio José Eduardo, indo visitar a irmã querida, graças a Deus refeita do dismantelo dos negócios do esposo, circunstância resumida de forma admirável e concisa numa palavra cáustica, repetida em funesta cadência:

- Parentes! Parentes!

Como os demais, a tomar conhecimento do desfecho da malfadada sociedade comercial celebrada entre os cunhados, o tio não continha o pasmo:

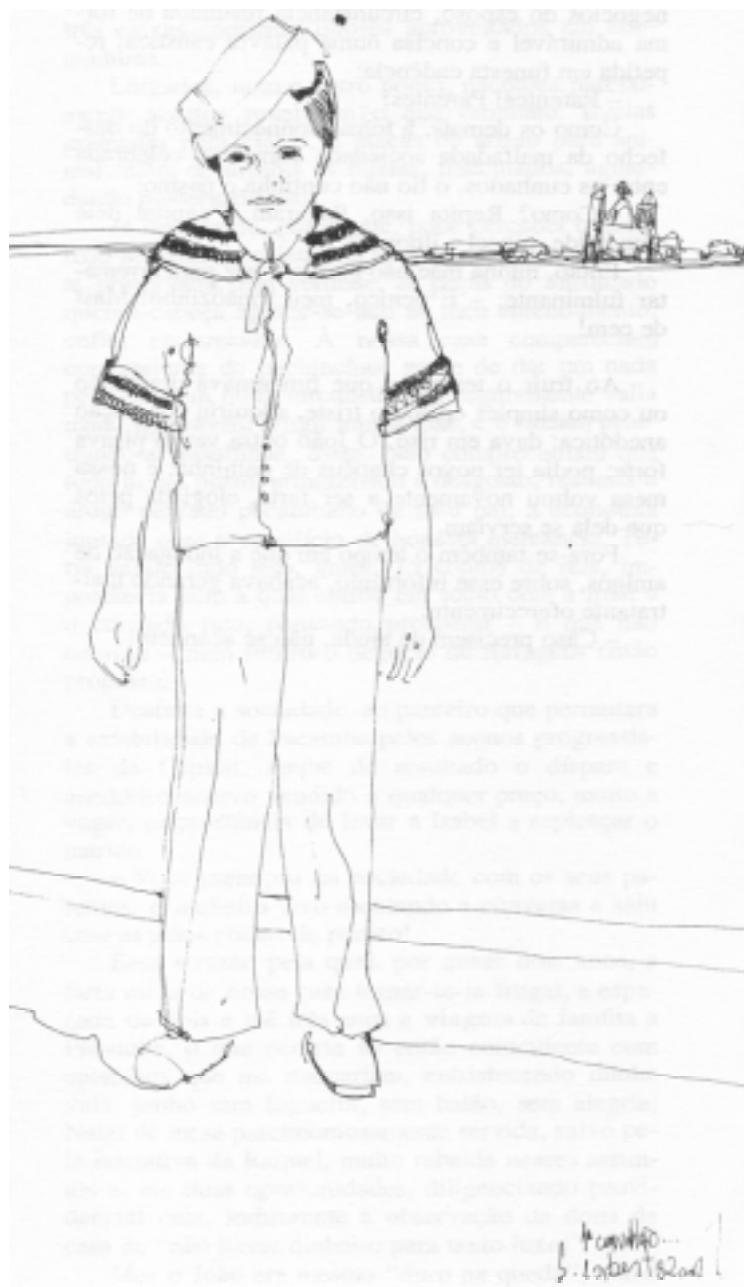
- Como? Repita isso. Pagaram o capital dele com balde, pincel e ilhoses?

Então, minha mãe não perdia a vez para arrematar fulminante: - E penico, meu irmãozinho! Mais de cem!

Ao fruir o tempo, o que funcionava dramático ou como simples episódio triste, adquiriu conotação anedótica; dava em riso. O João outra vez já pisava forte; podia ter novos chapéus de palhinha; e nossa mesa voltou novamente a ser farta, elogiada pelos que dela se serviam.

Fora-se também o tempo em que a indagação de amigos, sobre esse infortúnio, acabava gerando maltratante oferecimento:

- Caso precisem de ajuda, não se acanhem!



A RAQUEL, OS DESMAIOS, E TIOS

Pela mão de Raquel eu freqüentava a escola da professora Maria de Jesus Meio; ia ao cinema uma vez por semana assistir às comédias do Gordo e do Magro. À avenidinha, ela seguia-me para ver, aos sábados, a retreta. Mas havíamos de voltar para casa antes das nove da noite, que, passando daí, só pirão frio (prostituta) andava vagabundando na rua – dizia.

Finou-se solteirona a pagar panegíricos à honra intocável. Enchia a boca repetindo a circunstantes: “Sou moça. Não me entrego.” Mas sabia mostrar-se atraente, pondo por mais salientes os seios (sumidos, a seu desagrado), graças a bicos do pão sovado, guardados para esse artifício.

Namorou vários pretendentes. Nenhum, no entanto, persistiu o suficiente a lhe merecer o coração insubmisso.

Certa vez descartou-se de pretensão inspetor do Trânsito, que me insinuou fosse brincar adiante, deixando-a a sós com ele.

– Como? Pra ficar me amolegando? Não, senhor! Pegue o seu rumo, eu não preciso de macho. Em primeiro lugar, tenho minha obrigação.

Dela a infeliz idéia de me vestir de marinheiro do “Cruzador São Paulo” para a primeira comunhão, então moda. Fui de nauta, sabe Deus com que revolta, aos pés de Deus, enquanto Geraldo Oliveira, um primo também vítima nesse ato de fé, seguiu-me feito marujo do “Minas Gerais”, outro navio de guerra em volga.

Por essa época eu desmaiava fácil em igreja.

Raquel pretendia-me a tais momentos sob poderes místicos.

– Vê alguma coisa? Uma voz fala com você? – inquiria-me.

Não, nada disso acontecia... – Confessava-lhe.

Mas dava a circunstância de sem mais nem menos, empalidecendo, me tomarem uns suores frios, e ir ao chão, desmaiado.

Passamentos de um ou dois minutos. Repetiam-se à alongada missa do domingo, na igreja do Patrocínio, quando até os santos (podia perceber pela expressão das imagens) ficavam entediados.

Que decepção para minha tia-mãe! Só por diante, consegui enfim compreender o seu improsperante desejo: ver-me entrar para o Seminário, e só sair, como se deu com o meu primo Expedito Eduardo de Oliveira, ordenado em padre.

– Como é feliz a Elvira! Tem filho sacerdote! Um santo!

Tia Elvira foi quem me deu o primeiro livro de histórias que li, o quarto a prouwer nossa casa onde existiam antes o “Guia Prático do Lavrador”, “O Guia da Saúde” e um dicionário de Gustavo Barroso.

Essa senhora, que atentou para meus possíveis pendores literários, morava em local privilegiado, o Prado, no pro-

longamento da Cachorra Magra. A casa, de amplíssimo fundo de quintal, a se dizer sítio, cercava-se de sapotizeiros e mangueiras enormes. No jardim, bastava subir a uma espécie de estrado adrede preparado, para acompanhar as partidas de futebol praticadas no campo esportivo da cidade.

Mulher prendada – como foram todas as minhas tias – esposara o maestro Alfredo Oliveira, autor de apreciáveis músicas religiosas.

Nesse mesmo bairro, dono de dezenas de imóveis que alugava, residia também tio Vicente Eduardo Espíndola, orientador da família, espécie de assessor especial, com amplo poder de polícia.

Certa vez, deparando-me na companhia de minha mãe, em sua ida ao centro da cidade, indagou:

– Isabelzinha, esse menino é o Manuelito?

– É, Vicente.

Incontinenti virou-se para mim:

– Quantos anos tem você, meu rapaz?

Encabulado empecei na resposta. A Isabel acudiu:

– Vamos, responda, meu filho.

– Treze.

– Fale alto!

– TREZE.

E ele, mais que depressa, sobretudo autoritário:

– Isabelzinha, bote logo este homem para trabalhar!

MEDO DE ALMA

Aprendi na escola da rua, nem sei direito onde, que os mortos se transformam em alma do outro mundo, e por motivos difíceis de explicar tomam para balançar a rede dos meninos, importunando-os.

Sob essa impressão, misturava sonhos com cenas reais e a sensação de ver meu legítimo pai, o Jonas, à beira da minha rede.

Raquel mostrou-me, um dia, em antiga foto:

– É este **falecido** que tu vê?

Por coincidência era. O dedo dela, vulnerado por deformante panarício mal sarado, apontava-o magro e triste segurando a mão de uma menininha.

– Não diga nada a sua mãe!

Uma noite após ouvir a estória do homem que carregava um surrão, pondo neste o próprio demônio, vivi pesadelo horrível. Tudo de contado na calçada momentos antes, e sentido de modo estranho: uma voz gritava do alto da casa, a me indagar se podia deixar cair um pé, depois outro, e assim passando às pernas, ao tronco, finalmente à cabeça... Acordei chorando, a Raquel a

acudir: “Não, não é nada” – falava –, “isso passa, sei como passa.

Sabia. Disse-mo depois, segredosa:

– Tua mãe acha que é lombriga. É medo de alma. Sei curar.

Pronta a **receita**, explicada sem mistérios:

– Basta passar três vezes diante dos pés de um defunto, pra nunca mais vê visagens, nem ter sonho agoniado.

Interessei-me:

– Passar como?

– Pra lá e pra cá. – E incisiva completando – Jamais terá frouxidão.

Decorreram dias de expectativa até haver um defunto no ponto de ensejar a cura. Deu-me a notícia a própria Raquel, os olhos vivos, espertada pelo acontecimento:

– “Seu” Cavalcante, o vizinho, “viajou” ontem. Agora, é fazer com que o levem para visitar o falecido...

– Vai ser difícil.

– É o que você pensa.

Como previsto, mamãe reagiu firme à idéia de me ver na casa do morto, mas meu pai, benevolente, aquiesceu:

– Que mal faz? De pequeno é que a gente deve ir se acostumando às durezas da vida! Ele vai.

No lar enlutado, na sala da frente, solene o caixão de madeira preta coberto de flores. Ao redor, a tristeza e a viúva amparada pelos filhos.

Teve acesso de choro, convulso, ao avistar minha mãe.

– Coitadinho, tão bonzinho! Arredamo-nos para um lado, mamãe recomendou outra vez:

– Olhe como se comporta.

O João, desajeitado, girava na ponta dos dedos – em gesto muito próprio – o chapéu de palhinha. Logo se afas-

tou de mamãe para discretear baixo com os amigos, avisados a um canto do recinto.

Nem todos choravam. Raros os que não conversavam animados. E instante houve em que alguém, irritado, emitiu enérgico psiu! exigindo dignidade e silêncio.

Nessa hora desprendi-me de minha mãe. Ligeiro, fui andar diante dos pés do defunto, o coração a bater forte, enquanto repetia as palavras mágicas ensinadas pela Raquel.

- “Me livra, defunto caridoso, das almas do outro mundo!”

Ao fazer o terceiro percurso, a mão materna nunca me pareceu tão dura e enérgica! - alcançou-me autoritariamente, não disfarçando o azedume.

- Quietos, doidos! Que besteira é essa?! Havia passado duas vezes. Valiam pelas três? Tentei ainda me desvencilhar da coerção materna, impertinente e vigorosa. Em vão.

Do ritual desse modo incompleto firmar-se-ia o meu destemor a almas do outro mundo, ficando porém comigo a agradável dúvida de que os mortos jamais se apartam totalmente dos vivos...

O VÍCIO MAL DISFARÇADO

A serra repousante e verde (há de permanecer sempre onde está), cresce vicejante por trás da casa de meus avós em Pacatuba, circunstância que ainda hoje apressa o entardecer sobre a cidade.

No coração dessa montanha a claridade do dia não se entranha e o sol é apenas uma luminosidade indistinta. Ali, emoldura-se a **Estrela**, lembrança de um Portugal enfiado e distante, transposto para esse paraíso onde borboletas, pintadas de ouro, não voam, nadam na neblina, suspensas no ar.

Ao âmago desse rincão privilegiado de cores e sons naturais, ascendi várias vezes assemelhado a fruto, carregado em caçuá urdido com cipó. Em mais de uma oportunidade subi desse modo a montanha convidativa, tendo de contrapeso e – choramingante – outro menininho por companhia.

O interesse pelas coisas do mato madrugou-me cedo. Ancestral o gosto selvagem que me anima a perlongar os caminhos, perder-me na mata ..., pisar a terra humosa, sentar a uma rocha e simplesmente ouvir a natureza, que tento escutar desde os meus verdes anos.

Pois bem, na subida desapeavam-se para facilitar a movimentação da alimária em aclives rebeldes. E era difícil me segurarem; não tinha “pega esse menino aí” que me parasse, já com os pés chapinhando na água cristalina e escorrente, de inesperados lugares.

Meu pai, de vez em quando nessas ascensões, retardava a marcha do comboio. E, menos discreto como pretendia, destampava a inseparável garrafa de quinado **Imperial**, para se contentar em demorado trago.

- Assim acaba o frio! - exclamava.

Cena repetida, dado que, circunstancialmente, dardejasse o sol mormaçando o dia. A Isabel, abespinhada, protestava:

- Não faça **isso** na presença da criança!

Da calçada elevada da casa do sítio tinha-se a impressão de, estendendo o braço, tocar na paisagem próxima, virente. A serra crescia perto, em soberbo cômodo atufado de profusa vegetação; visíveis, harmonizados com o chão, uns caládios de folhagem vermelha. Até um pau abatido entranhava-se na terra, sem se extinguir. Caído sim, mas não vencido; presumivelmente morto, mas rebrotante em continuado viço.

Demorávamos ali por longos minutos a desfrutar a natureza sem direito a sol, tudo assombreado e também frio ante a imponência de jaqueiras ancestrais; de uma ou outra paraíba disparada em crescimento, ou piroá visto ao longe, retilíneo.

Descendo desse paraíso, já tarde, trazíamos uns cachos de banana, algumas jacas moles e duras, e bastante bacupari (se decorresse janeiro), tão amarelinhos, tão sumarentos, assim apreciados por minha mãe, certa de conterem poderosa substância a favor de sua digestão vagarosa.

Na cidade, à noite, muito de propósito eu demorava a dormir, adiando, adiando o sono, a me avistar crescido, em desembaraçada idade que me autorizasse não mais galgar a querida serra reduzido à desmoralizante carga para caçuá. Queria viajar, em prelibada ascensão, montando ágil alimária. E tal qual o João, de vez em quando parando a fim de tomar um golezinho, ainda que a Isabelzinha dissesse:

- Não faça isso na presença de seu pai!

O MENINO E O BOI

Natal.

Da janela podia ver aproximar-se a luz. Parecia a Estrela que anunciou a vinda do Menino Jesus.

Ao apresentar-se mais perto, tremeluzia em volteiros, qual endoidecido vaga-lume.

Era o fifó do bumba-meu-boi.

- Fasta, fasta, pessoal! Fasta, que o mais galante boi do mundo vai passar - gritava o Vaqueiro.

Saracoteando ao som de guizos de pandeiro, titilitantes, o cortejo invadia a rua; o ruído surdo, qual ronco de bicho acuado, saía de algum instrumento de couro cru, puxado sem piedade.

O Doutor do Boi, ignorante que só ele, era o varredor da rua.

Desfilava cercado de índios e índias, e papangus. No cortejo álaçre a Burrinha, o Caboré, a Ema do pescoção.

"Ah, vontade de ser o Menino da Ema!" - eu pensava. "Ou aquele camaradinho irrequieto" que sacudia sem parar a caveira de burro, o danado do Jaraguá.

"Jaraguá te pega!

Jaraguá te pega!”

Medo, medo mesmo só de servir de cristel, metido por castigo com roupa e tudo pelos fundilhos da armação táurea.

– Pega, pega aquele menininho! – gritavam.

E eu corria de um para outro lado, descendo e subindo as calçadas, espavorido – assim imaginado.

Atrás de num a canalha impossível e desabrida açulava os papangus.

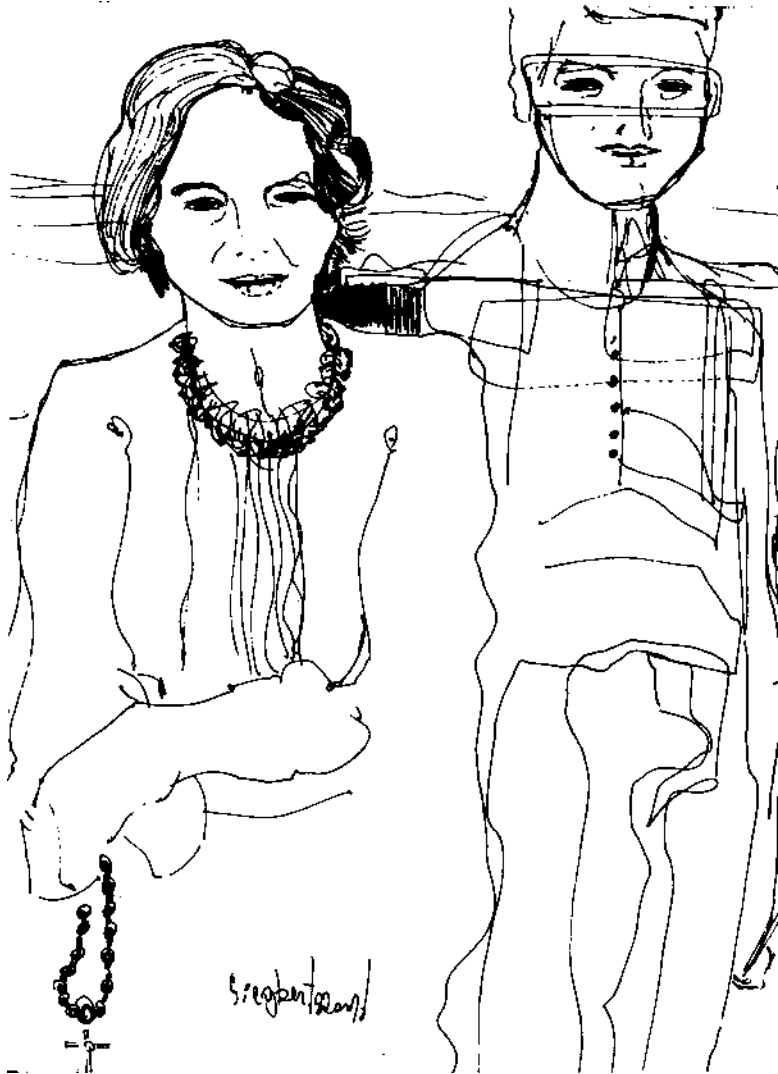
– Pega, pega o minininho! – repetia.

No alto do céu recamado de estrelas, imperante na grande Noite de Natal, debruçado sobre a cidade o Menino Jesus era feliz em ver os seus irmãozinhos correndo medrosos do bumba-meu-boi.

Muitas vezes, creio ainda hoje, ele próprio fazia coro com os outros:

– Pega, pega o menininho!

Nunca me pegaram.



A COMPANHIA IMPRESENTIDA

Todos os meses, a Dolores vinha até à Rua do Imperador, estar com minha mãe adotiva, não para visitá-la, mas por mim, o filho criado ausente de seus afetos e carinhos.

Tímido recebia-a à porta, a mão estendida à sua presença agradável, cumprimento que, anos depois, consideraria informal.

Ela - demorei tanto a entender! - desejava mais que essa recepção. Nos mínimos gestos e palavras (também custei a perceber!) procurava na ocasião encontrar o elo perdido da corrente, que sumido, longe de seus olhos, fazia-a irremediavelmente triste.

Raquel não faltava à respeitável viúva, com alguma coisa “caprichada” na cozinha, natural pretexto para contar como na realidade eu estava, dando trabalho ou bem comportado...

Para ela eu era mais que o Manuelito ausente, longe de sua convivência, a representar a derradeira cena de sua jornada de amor com o Jonas na intimidade prosaica e segredosa de alcova interiorana.

Na sala de jantar da casa da Rua do Imperador, que me marcaria fundamente, as duas irmãs, diante de suntuoso guarda-louça antigo, adoravam encompridar confidências. O móvel, espécie de cristaleira, tinha umas amplas vidraças deixando ver numa das prateleiras, entre xícaras e copinhos de profusas cores, solene, a garrafa de licor de tangerina, especialidade da Raquel, aperitivo reservado para esses instantes.

Conquanto Mãe Dolores lamentasse não se dar bem com a ingestão de álcool, sorvia o líquido amarelinho, sempre servido em um dos raros cálices de cristal, da casa. Depois, a vagar, punham-se ambas a trocar memórias: uns episódios tantas e tantas vezes repetidos, e os lances aflitos de minha avó transmutada para Fortaleza, e, na grande cidade, sem encontrar o ar necessário aos pulmões mais achacados e teimosos ao efeito miraculoso dos pós da Abissínia.

Davam-se as duas a breves relatos de caráter rememorativo, circunstancial, desentranhando passagens da vida dos parentes menos cordiais. E, de repente, resuscitavam pessoas e até animais de estimação.

A tanto, a impressão de que faziam desfilar todas aquelas figuras perpetuadas não apenas nos retratos das paredes, mas nos que eram conservados pela Isabelzinha, arrumados em duas caixas de papelão debaixo da cama, de onde os resgatava para comovente desfrute. De vezo mencionarem a prosperidade de Tio Vicente, espírito religioso extremado, perdulário protetor de freiras e sacerdotes como convinha a ricos temerosos do inferno.

Mãe Dolores não esquecida de referir aos “meninos”, desse modo nomeados meus três irmãos, dois destes internados em estabelecimento de ensino religioso, em Canindé, circunstância a significar-lhe o travo de indesejável separação.

- Mas um dia...

Apostavam no futuro, acreditando na sorte grande, em premiada pule do jogo de bicho. Entretinha-se em vislumbrar um futuro servido de cabedais, conforto (que nem sabiam o que era), tudo muito modesto. No mais, de atenção maior à Igreja, a padres conhecidos, às reuniões das mães cristãs congregadas em irmandade. E nesse tom, sem dissonâncias, um falar de pouca pressa, preguiçoso até, sobre o modo de vida dos parentes, principalmente dos irmãos...

Diferente de quantos vinham nos ver, mãe Dolores não tinha quem a acompanhasse em suas viagens e passeios. Movia-se só, largando-se do Prado, onde habitava com minha avó, até à Rua do Imperador. Via-a chegar, ampla de sorrisos, a empunhar vistosa sombrinha japonesa, de seda, decorada com pássaros que não apenas pareciam voar, - voavam mesmo.

Ao esmorecer a claridade do dia, ou por outro motivo, ela erguia-se às despedidas. Minha mãe acudia a insistir se não desejava tomar mais licor, oferecimento recusado graciosamente.

- Não, não! Só um pouquinho d'água. Minha boca ficou seca, tanta a conversa fiada!

Contanto não percebesse (adultos jamais conseguem, infelizmente, descobrir a inestimável solidariedade infantil), não tomava o caminho de regresso, desacompanhada. Eu ia ao seu lado, depois de escapar pelo postigo, qual levitasse solto pelo espaço, muito ao alcance de pressentido odor de jasmim, todo dela. Seguia-se em imaginação, a descer e subir calçadas da rua até a parada do bonde, onde permanecia.

Ah, penava mais do que ela, juro!

Sofria por nunca me ter revelado ao seu lado, dando-me a ela, e, se possível, gritando:

- Mãe Dolores, a senhora não vai só!

O PRESIDENTE

O berço de ouro a num atribuído é fábula.

Na verdade, não lembro ter experimentado a áspera condição de não ver mesa posta para o almoço. Sempre tivemos as coisas, o que se costuma dizer: a fortuna de condições indispensáveis à vida. Mas luxo, não conheci. Arrastei muitos passos caminhando com modestíssimos sapatos “Fonabor”, de intolerável, fartam ao se avelhantarem. E andei a pé sobre os trilhos da via férrea, de Parangaba a Mondubim, quando perdendo o trem, ou sem dinheiro, precisava ir dormir em casa, em Mondubim.

E era feliz!

Na adolescência fui balconista, vendendo café moído; a cafeína me entrando no corpo e na alma.

Dando de haver pouco o que fazer, meu pai achava adequado fosse varrer a calçada de seu estabelecimento comercial, o Café Peri. Apreciava ver-me provando a dureza da vida, que só envergonha e incomoda os tolos – dizia.

Ao final de cada mês, experimentando minhas possíveis virtudes o bondoso João entregava-me a chave do

cofre (atulado de cédulas e moedas), para que me pagasse pelos serviços prestados.

Embora tentando a me apoderar de mais dinheiro pelo anjo mal que às vezes me fazia companhia, contentavam-me os cinqüenta mil réis acordados em retribuição às minhas tarefas. Na verdade, as necessidades do espírito – e também as do corpo – já exigiam mais!

Sempre encontrei, ao longo da vida, quem me desse a mão. E confiança. Desde os tempos de criança vi-me ajudado, cercado por pessoas que, raríssimas exceções, gostam de estimular os meus sonhos.

Recordar exemplos é fácil. Um destes, por me ser bastante significativo, ocorreu quando a professora Maria de Jesus Meio reuniu a classe e indagou:

– Quem deseja ser presidente do nosso grêmio literário?

levantando-me de imediato e decidido dei-lhe a resposta:

– EU!

Impiedosa assoada tomou conta do salão, mas a respeitável mestra obrigou a se calarem todos, e, solene, vendo-os silenciados, proclamou:

– O presidente do grêmio está eleito; é o Manuelito.

Não fora a imensa bondade e compreensão da irrepreensível professora àquela hora, poderia ter-me considerado vencido, perdendo possivelmente a capacidade de iniciativa que me tem levado à frente nos momentos mais inesperados.

Minha confirmação naquela presidência, na escolinha, foi o prenúncio do que conseguiria alcançar depois: presidir a Academia Cearense de Letras por dez anos seguidos.

A PRESENÇA DA MORTE

Criei-me rodeado de respeitáveis e compenetrados personagens que Deus já levava desta para melhor. Prendiam-se a tudo, às paredes da sala e às do coração. Estavam em toda parte guardados em pequenas e grandes molduras. Quem se finara, havia pouco, ganhava trespasses de tarja preta, **fumo**, assim mencionado.

Em rigor, tão ilustres ausentes tomavam todos os móveis também, e parecia muito distinto estarem à vista das visitas, ora em cima de tampos de mármore, ora expostos em alguma mesinha de centro, onde demoravam folhetos e raros jornais.

Quando esmorecia a conversa, ocorrendo não mais haver o que dizer, algum visitante arguto lembrava um ou outro retrato:

Quem é o cidadão do quadro maior?

Ou, em igual tom:

– O falecido, ao centro, é seu pai?

Havia quem se mostrasse mais interessado, e, de modo grave, a pedir licença para ver de perto a “figura do morto.” Nesse caso a suceder sempre com a representação

de meu avô, homem de olhar firme, duro. Em vida foi de pouco riso mas de muita responsabilidade.

Discorria-se bastante sobre a morte, por aqueles instantes um motivo a mais para alongar prosa.

Até então não a defrontava. Perdera o pai aos quatro meses; meu avô partia, antes de eu sair de Guaiúba para Pacatuba.

Mas dia veio em que pude depará-la de perto, resumida a anônima criaturinha, pobre mulher cuja fisionomia inanimada repousava no caixão da irmandade de Nossa Senhora do Carmo, programado para acudir nessas horas.

Não havia quem levasse o corpo ao cemitério.

Abandonaram-na os parentes, os poucos com quem convivera. E desse modo, sumidinha, solitária e desprezada, restava aconchegada nuns muchos ramos e flores de beira de estrada...

Não tardou organizado o féretro com a adesão de sete ou oito acompanhantes – todos jovens..., e partir em direção ao cemitério.

Chovia. A água descia do céu, fustigada por relâmpagos e trovões, circunstância que, em paradoxo com o momento grave, em verdade alegrava a todos. Na realidade, não se sabe por quais providências logo surgiu uma garrafa de bebida, e a piedade cristã foi-se truncando com inevitável pândega.

Onze anos à frente, no conto de abertura a livro de minha autoria (“Face iluminada”), tentei interpretar tão longínquas e conflitantes emoções.

Muito depois, quando o episódio ficou apenas por memória pecaminosa, estabeleci novo encontro com a ceifeira pérfida, o que veio a suceder na ocasião do sepultamento da avó Isabelzinha, carregada em trem à sua terra natal, derradeiro desejo cumprido integralmente pelos filhos.

A composição ferroviária, que lhe conduziu os restos mortais, deixou a Capital à tarde e estacionou duas horas depois defronte ao cemitério de Pacatuba, onde a grei dos desamparados aguardava dar adeus à benfeitora amada. Atraíam-se todos também pelo inusitado do espetáculo, o primeiro morto a viajar de trem até ali.

De regresso, minha mãe passou mal. A todo instante os parentes mais ativos davam-lhe a cheirar uns tantos saís de encorajar, para esperta-la. Ao suceder assim, vendo-me perto, procurou concertar carinhosa os meus cabelos assanhados à disparada do comboio.

Voltávamos calados, impregnados de solidão: sentimento tardio e doloroso.

De repente, era como se não existíssemos mais.

REVOLTA ESCATOLÓGICA

O João pretendia-me instruído, capaz de entrar e sair das partes, como referia, por saber ler. Para ele não havia nada mais importante do que o exercício da leitura. A tanto me fazia recitar todos os dias o “Correio do Ceará” em voz alta.

– Veja aqui.

Marcava com o dedo grosso, um indicador afeito à contagem de sacas de café em grão na fábrica do Café Peri.

– Aqui!

A tropeços, obedecia; mas emperrava em vírgulas inexistentes, desconhecendo ou alheado às regras da pausa. As vezes, desembestava – termo é adequado –, passando por cima de pontos ainda que visíveis na folha impressa.

Não entendia a razão. Hoje, passo imaginar sucedesse tudo à conta de nervosismo momentâneo, talvez inibição. Mas o que quer que fosse, acontecendo, truncava-me a leitura, e o deixava exasperado.

Como? Como pode ser? Você não está vendo o ponto? O PONTO?!!

A aumentar-me o desconforto havia sempre outro menino a exhibir-se como o João desejava, lendo espertamente e sem falhas.

O competidor mais bem sucedido chamava-se Irapuan, filho do Dr. Raimundo Santos, dentista da família. Morreu infelizmente atropelado e sem jamais saber que, com sua desenvoltura, respondia pelas minhas amarguras na dura prova.

Foi tempo em que o Edmilson (Edmilson Monteiro Lopes), ligado diretamente à família de meu pai – Laura e Alice, duas respeitáveis senhoras –, vindo de Aracoiaba com ambas, hospedou-se em nossa casa.

Mais adiantado em estudos do que eu, o menino – chamado afetuosamente de Milsinho – tornou-se sem perceber o meu segundo algoz. Lia sem pular nenhuma palavra, respeitando fielmente os sinais. Como não bastasse tanta arte e desenvoltura, punha emoção na frase lida qual representasse.

– Agora é você, Manuelito – ordenava o João. – Leia.

Não sabia por onde começar. Titubeava. As letras como que se me fugiam, dissipavam-se, ou se embarralhavam no papel.

– Leia – tornava meu pai.

Não conseguia.

Em compensação inchava dentro de mim o monstro gerador de malas-artes, ser de não abandonar os meninos contrariados ou insultados em seus sentimentos.

João confidenciava à minha mãe:

– Como é genioso o Manuelito!

Sofria calado, contando me desculparem. Nunca precisei tanto de conforto como àquele tempo; de perdão – isso mesmo o que queria! –, por falha que não estava em minha vontade.

E nisso o vingador a crescer dentro de mim, irrefreável, rebelde, torcendo por uma desforra, fosse lá o que fosse.

Não demorou oportunidade para efetivá-la. Veio com o aparecimento do álbum de fotos do Milsinho, documen-

tário em que ele esplendia em várias poses de oratória, bastante vaidoso e sobretudo inspirado ao arroubo dos doze anos.

À noite, enquanto todos dormiam, inclusive Laura e Alice, sorrateiramente me apossei desse valioso livro de recordações. levei-o até a sala de visita.

À luz de vela executei minha primeira e última obra satânica. Atrás de cada foto escrevi, de forma espichada e ostensiva:

MERDA. MERDA. MERDA.

TELHADOS E PEIXINHOS DOCES

Até adoecer de paratifo pelos idos de 1937, dormi em rede. A enfermar, tendo por médico o primo Joaquim Eduardo de Alencar, o João entendeu de maior conveniência que eu usasse cama. Deu-me uma “Patente”, a “legítima faixa azul”, assim nomeada pelos jornais da época.

Sarando, perdi meus longos e estirados cabelos, para adquirir outros bastante encaracolados, rebeldes ao trato. Desse tempo a mania de, deitado, buscar ao telhado alto, na solidão da noite, os ocasionais reflexos – principalmente da lua – transcorrentes em residências, como as nossas, desprovidas de forro, quer as da Rua do Imperador, de Mondubim, ou, eventualmente, a que me abrigava em pleno coração da montanha, na Aratanha, onde, algumas vezes, de pernoite, podia vislumbrar mistérios na meteórica fosforescência dos vaga-lumes.

Por essas horas eu segurava o sono, teimando com ele, a não me entregar fácil. Algo me dispunha a permanecer vigiando a noite, a decifrar-lhe eventuais lampejos, um tanto de envolvimento que me proporcionava, sem eu com-

preender fossem os meus primeiros rudimentos ficcionais.

Daí, na Guaiúba, a incomum alegria de dormir na casa da preta Rosa, tia de minha babá. Na modesta vivenda campestre, de evidente pobreza e a menos de trinta metros da via férrea, o espetáculo dessas visões elaboradas ampliava-se, a tanto concorrendo a passagem dos trens, o clarão das locomotivas que se intrometia nas telhas mal alinhadas, entretecendo centelhas de prata na intimidade da minha rede.

Pela manhã, havia sempre comboios estalejando os dormentes, ruídos e vozes de passageiros espertados; seguidos apitos afugentando animais da linha.

Percebida a claridade do dia, o rosto lavado na higiene improvisada de velha bacia de ágata generosamente abastecida com a água da cozinha, dava hora do café. Rosa, a dona da casa, negra saudável, vinha ver-me de perto, repetindo admirações – que nunca se gastavam – quanto ao meu crescimento. Não tinha dez anos? Só nove? Credo! Não podia acreditar! E como andava gordinho!

A Raquel, mais dona de mim do que nunca, exagerava:

– Tem boca abençoada pra comer. Nada faz mal a essa criança!

– Ahahahahah.... Tornava a negra, admirada.

Pasma e ternura. Elogios. Cheiros. Mais leite, mais broa, mais café, mais ahahahahah...

E então? Já fartado, vinha hora de ir cumprimentar os tios Lindolfo e Alice à vila perto, imposição de Isabel para a permissão dessa viagem.

Rotundo o tio, adiposo até na conversa. Mexia-se material e vagaroso (tudo nele transcorria lento, arrastando). De longe, ao me avistar, parecia dizer: “Aí vem o filho da Isabelzinha...”

Pela mão da empregada eu adentrava a mercearia. E logo o tio exibia-me um depósito de vidro cheio de bombons, bonecos e peixinhos muito coloridos: verdes, azuis, e também amarelinhos...

- Vamos... - Dizia-me. - Faça a sua pescaria, mas só tire os que puder.

Por muito tentar não arrecadava mais de cinco ou seis, fato de me irritar seriamente. E dizer que os desejava todos, tão deliciosos eram, e vidrentos, e açucarados, custando desmanchar na boca...

Submetido à regra de jogo do tio, em quem assentavam a fama de pão-duro, eu perdia freqüente, enquanto ele dizia:

- Amanhã, você aventura outra vez, e pega mais, não é?

Ria gostoso, o riso escorrendo engordurado. Cobrava a presença da esposa:

- Vem cá, criatura, vem ver quem está aqui!

Em rigor, por isso não me queria carregado até ali a vê-lo. Mas Raquel, tida e havida por mulher de poucas letras, ou de nenhuma, demonstrava apreciáveis pendorres diplomáticos.

Mal descia comigo os batentes da calçada, à partida, consolava-me com promessa jamais descumprida.

- Chore não, seu bobo! Na bodega da esquina compro os peixinhos que você quiser.

- Amarelinhos?

- Até pretos, da cor do Cão!

O SACRILÉGIO

Dia de visitar o Baú, assim chamada a terra de criar de minha avó paterna, adiante de Pacatuba uns quilômetros. levantando-me cedo, ansiava chegar a esse território de prazeres naturais; e ao rio correndo, para nele me banhar sem a impertinente fiscalização doméstica.

A Isabel não queria admitir a proposta do passeio, que me dava emoções repensáveis.

– Bom não levar o menino! Sei como fico aqui esperando vocês voltarem!...

O João, no entanto, decidia autoritário:

– Vai! E deixe de ser nervosa! Não vê que a criança precisa sair de debaixo de suas saias? Ora, ora!

Resolvidas as pendências domésticas, dava a hora – como naquele dia – de partirmos. Da janela, minha mãe (por trás dela podia-se ver a figura intrometida da Raquel) fazia ao marido as últimas recomendações:

– Não deixe o menino entrar no mato.

E nos vendo mais distante, alteando a voz:

– Cuidado com o banho no rio...

O João por então fingia nada ouvir, a espertar as alimárias, a advertir-me segurasse firme às rédeas do burro manso, caminhador, a me carregar.

Era o final de março. As chuvas haviam chegado pelo começo do mês, com uma intensidade, que a natureza de repente se alegrara. Corriam pequenos cursos d'água. As árvores pareciam gotejar variado e intenso verde, resplandecente.

Bichos desentocavam-se abandonando os seus esconderijos, e vinham correr, nem sempre assustados, pelo caminho bastante lavado e a esse instante aparentemente enxuto.

O sol nascia claro generoso.

Na estrada me divertia afugentando as impertinentes mutucas com varinha de marmeleiro, vez ou outra alertado:

- Tem uma no teu calcanhar!

- Bate novamente!

Por fim, vimos a ponte adiante, praticada sobre o grande rio do Baú (não era nenhuma coisa nem outra mas modesto riacho). E pela frente, vencidos mais algumas centenas de metros, deparou-se-nos a casa de D. Irene, mulherão despachado e de passado pouco vislumbrado.

Ela recebeu-nos à porta; exagerava alegria.

- Ah, trouxeram o menino lindo!

Disposta - ou inxerida como de costume mencionar a Raquel -, logo me levou ao lado da residência, enquanto meu pai se sentava em comprido e convidativo banco.

Pela sua mão passei à sombra do oitão, de onde se tinha a visão do cercado de bichos, no ar o odor forte, característico, de caprinos.

Não demorou informar ao João de que em cima da mesa havia café passado, e chamar também a minha atenção, animada e falante:

- Olhe a cabrinha nova. É o nenê da cabra.
Elogiou os meus cabelos cacheados.
- São quase louros... Não, castanhos mas muito claros!
Eu queria demorar, mexer com o bode que percorria o chiqueiro, impaciente.
- Não, com ele não! É sem educação. Às vezes esse bicho dá chifrada na gente.
De retorno à sala, comentou com o João, o tom de censura:
- Diga a Isabelzinha pra cortar o cabelo da criança. Não é nem menina!
Imaginando ter-me desagradado, ajuntou amistosamente:
- Contanto que me guarde a mecha mais bonita, de lembrança.
Mais tarde, fomos tomar banho no rio, meu pai recomendando:
- Não se vá afoitar, a correnteza pode carregar você pro mar.
Logo nos despimos todos. A intimidade gostosa me punha igualmente adulto, direito que me negavam sempre.
De repente senti desejo de urinar. Ainda pensei em me erguer, deixar a areia granulada do leito do rio, e despachar-me atrás de uns tufos de capim. A coragem, no entanto, foi mofina. **Eles** iam ver - comecei a pensar - que eu continuava uma criança. Nem pêlos possuía por onde os outros, mais crescidos, os exibiam fartos.
E urinei mesmo n'água. Mijada farta, agradável, como se nesse gesto me confundisse com o próprio rio.
Em casa, de regresso à noite, Raquel veio ao quarto me botar sob confissão. "Tomara leite de cabra?" - "A **mulher** me beijara muitas vezes" - "Que havia para comer na casa da **bruxa**?" - "Ficou todo mundo pelado?" - "**Grandes e pequenos** tomaram banho juntos?"

- Que mais? Anda, conta. Não quero que me esconda nada.

- Vi a cabrinha neném.

- Já falou isso. Quero saber mais.

Relutei, resisti ao máximo, e acabei confessando que me aliviara no rio.

- Repita essa história.

- Urinei n'água.

- Teve coragem de fazer uma coisa dessa?!!!

- Tive.

- Pois errou! Fez muito errado! E saiba: agora a sua pinta vai cair, torar no pé.

Comecei a choramingar. Não, não queria virai menina.

E ela, do alto de sua autoridade:

- Deixe de choro. Trate de dormir. Tenho muito o que fazer na cozinha.

Enquanto me embalava cantando, de vez em quando eu descia a mão até a minha mais importante intimidade, tentando saber se continuava homem.

O PROFESSOR DE GINÁSTICA

João, ardoroso apreciador de ginástica, cujas lições nunca vi executando, tinha-as por aprendidas a J. Muller, autor d'”O Meu Sistema”, livro de capa verde, editado em Portugal, em 1908.

Ao longo dessas páginas estavam homens e também meninotes se exercitando. Eu entendia muitas vezes ser a criança que, na página 82, aparecia vestindo camiseta branca, calções escuros e compridos. Raquel, me ajudando a passar as páginas, dizia:

– É vê você.

Aos oito anos, já fazia as posições mais fáceis do manual, procurando adquirir musculatura abdominal como sugeria o exercício nº 3, representando enfaticamente um cidadão de camisa de punhos, calças longas, e pés à procura de apoio, metidos debaixo de uma cômoda.

Na ausência de móvel parecido, apelava para o grande guarda-louça da sala-de-jantar (de que falei antes), a arrostar a má vontade da Isabel em não concordar me ver rojado ao chão, em contato com os “micróbios”.

De tanto reclamar atenuando a cabeça do João, meu pai tomou resolução que lhe pareceu mais conveniente: contratou um professor de ginástica para aulas a domicílio.

- É homem de muita experiência. Já foi ás do box.

Desse modo Pedro entrou em nossa casa, e, em minha vida, de modo particular. Lutador em disponibilidade, para sobreviver depois dos insucessos que enfrentou, escolheu a nova profissão com a qual se alugou ao João.

Meu pai escutava-o embevecido. Repetia ter em determinada noite, na qual ganhara bastante dinheiro, acertado o negro "Pantera" com terrível murro, pondo-o a nocaute.

Na verdade, o João sabia (e disfarçava): o professor "aumentava" as histórias; jamais nocauteara alguém. No máximo havia sido simples curioso, rondando os verdadeiros boxeadores.

Veio até nós tão curioso homenzinho sob recomendações de amigo, e, inicialmente disposto a ensinar defesa pessoal, aprendizado a fazer moda.

Às vezes, depois de me mostrar como pular correto e esmurrar firme um saco de pano, pendurado no corredor, punha-se a narrar com riqueza de detalhes as lutas travadas, os adversários vencidos, a quantos fizera beijar a lona, expressão que soava nele de incentivo a mais bravatas.

Quando se retirava, de toalha ao ombro, viam-se-lhe os cabelos do sovaco, escapando pela camisa-de-meia cavada. Mamãe advertia-me:

- Não acredite em nada do que ele diz! Tudo não passa de lorota.

Mais tarde não pude deixar de aproveitá-lo em conto de minha invenção. Inseri-o no "O Tropel das Coisas". Nele está o bisonho professor de ginástica e box, falastrão e mentiroso, mas carente de atenção... Posso até acrescentar: de afeto.

Na realidade, um lutador desarvorado entre as cordas que o bitolavam, ou o estreitavam em difícil vida; náufrago do irremediável:

“...Mamãe vem te conhecer, Godô. Quer ver de perto o genro que possui. Nas cartas, contei tanta coisa boa a teu respeito! Sei, é pecado mentir, mas te amo! Podia dizer diferente? As vezes, sou bruta contigo, compreende, não é? Te quero tanto! E vem mamãe botar tudo a perder...”

- Desculpe...

- Já lutaste no Rio?

- Nunca.

- Foi o lugar de luta mais bonito que descrevi para ela. Falei que te entrevistaram no Flávio Cavalcanti, no Sílvio Santos. E se mamãe quiser ver tudo isso, Godô? - Aó a mulher cresceu, pôs-se no meio da sala, vermelha de raiva. - Ah, devia ter dito toda a verdade, era o certo, mas mentir nunca!

Chorava, se achando infeliz, digna de melhor sorte. E dizer que tivera outros pretendentes, rapaz hoje dono de duas mercearias afreguesadas. Perdera tudo, até a vida de mais folga, como empregada de cozinha.

Quando olhou ao redor, assustou-se. Estava só.

- Godó?

Saiu percorrendo a casa, chamando-o assim como se procura bicho de estimação.

- Godó? Godó? GODÔ!!!

Não estava na calçada, nem na esquina.

Os meninos não sabiam informar o paradeiro do marido. Sumira.”

Meu professor de ginástica não desapareceu; ficou comigo, não como ginasta ou esmurrador implacável, mas mestre na arte de narrar.

O conto tinha nele o sabor de almejada vida que nunca se consegue alcançar.

NECROLÓGIO DE TIA

Minha sociologia sentimental explica e a tanto me sinto constrangido: as criaturas já não são como as de antigamente.

Vim de longe, de Pacatuba, do tempo em que todos reconheciam o valor de tios e primas requestados à convivência em família. As pessoas de viver simples chamavam-se José, João ou Pedro. Não faltavam os Manuel, os Francisco. Ninguém tinha nome complicado. A televisão não trazia os heróis para dentro do lar.

A própria semântica amativa, familiar, entra agora em fase de inesperada despersonalização. E se vê, por igual, o esmorecimento da solidariedade grupal. A palavra afeto perde a força sensibilizadora. Tornaram-se desimportantes os primos em segundo grau; os de primeiro já não favorecem as reuniões confraternizantes. Os sobrinhos servem apenas para distantes referências...

Escrevi, noutra descolorida página, o encanto que me proporcionava a visita a primos e tios. Deliciosos esses encontros, obrigação social dos que se relacionavam e faziam questão de valorizar o sentimento familiar.

Rememoráveis as visitas a tios e tias, a ver gente que sabia receber, à mão o doce e o bolo, e suspiros à

espera. As residências não tinham quintais, mas sítios onde cresciam mangueiras, sapotizeiros e goiabeiras.

Na casa de Tia Minducarmo (Maria do Carmo Eduardo Benevides) a recepção era cariciosa. No casarão da antiga Praça da Bandeira fui sempre recebido qual um filho. E lá vivi ao longo de três inesquecíveis anos.

Minducarmo morreu octagenária. Até perto do dia de sua partida para a grande viagem (só viajaria duas vezes: de Pacatuba para Fortaleza e daí para o céu), confiava à irmã, que me criara, a satisfação de ver-me bem sucedido na vida.

Com ela – não é simples figura de retórica – extinguir-se-ia a longevidade do respeitável, do que tem sabor de unidade e respeito familiar.

A porta de seu lar praticamente não fechava. Estava sempre aberta à noite – “encostada” como se dizia então –, à espera dos retardatários; o Professor Artur Eduardo Benevides, ainda estudante por esses dias e trabalhando à noite no “Correio do Ceará”; e Fernando Benevides, aplicado diretor de clube social; e de num, por então cursando o Pré-Jurídico, no Liceu do Ceará, as aulas terminando tarde da noite.

Tia Minducarmo não dormia. Vigilantes abençoadas não tem direito a sono.

A grande dama permanecia atenta aos movimentos de seus inquilinos; sabia a que horas chegavam os filhos, o Artur – Arturzinho, como chamava –; Humberto, Alberto... Fernando e eu.

Conhecia-me os passos, o meu modo de armar a rede (dormíamos na sala de jantar, transformada à noite em dormitório), por mais que me esforçasse para não lhe dar o menor incômodo.

– É você, Manuelito?

- Eu mesmo, tia.
- No guarda-louça tem um pratinho pra você.
- Obrigado, tia. Boa-noite.

Vigilante atenta, pressentia todas as minhas dificuldades. Sabia compreender e relevar quando, abusando do direito de ser moço, voltava àquele lugar muito meu, um tanto incomedido na voz e comportamento.

Certo: já não existem tias com o tamanho e a hospitalidade de tia Minducarmo!

Nem residências de portas e coração abertos!

A contemplar os aposentos em que cerrou os olhos ao nosso mundo, meu pensamento voou para a ampla casa em que viveu em Pacatuba, e me senti emocionado.

Convocada por Deus, a grande senhora viajou ciente de haver cumprido na terra todas as suas obrigações.

Deixou encarreirados os filhos, cada qual com o seu destino feito. E subiu.

No céu, com toda segurança foi ser a vigilante que os anjos aguardavam ansiosos. Mas nunca, creiam-me, deixará de dizer-me à noite:

“- É você, Manuelito?”

O AMANHECER E HORA DE APRENDER

A casa do João despertava cedo. Logo iniciados os passos nas calçadas da Rua do Imperador, podia-se adivinhar a hora. Aquele tó-c-tó forte, por exemplo, o primeiro a soar, partia dos tamancos do padeiro. O homenzinho vinha de distante, da Padaria Palmeira, fazer a entrega do pão da manhã. Ia parando de porta em porta, senhor de jeito muito especial para meter um ou dois pães embrulhados no vão do postigo de abrir, já pelas cinco horas desferrolhado, a aguardá-lo.

Ocorrendo de chover, ele surgia qual figura das histórias de Trancoso, envolvido num capotão só mais tarde identificado por num. Tratava-se de simples aproveitamento do grosso tecido do saco de café, do qual, como ninguém, sabia engendrar em agasalho, seu precário acudimento na quadra invernososa.

Seguiam-se outros passos sem demora; o arrastar de perna (e pé) do vendedor de carne (carnicheiro), praticado ao subir a calçada, depois de vibrar duas batidinhas com o chiqueirador nas duas caixas de mercadoria arrumadas no dorso de seu conhecido cavalo branco.

Animal ensinado. Sabia todos os pontos onde parar na jornada de trabalho diária. Não precisava lhe darem sinais, puxar as rédeas...

Outras pisadas sobre o passeio, e já então se entendia desfilar as primeiras pessoas para a missa no Patrocínio.

Não de raro a Isabel estar pronta; o João, tendo acabado de tomar o café, de saída para a moageira, a fumar um indispensável “Acácia.”

A vizinha batia na porta da frente, senha especial para mamãe juntar-se a ela de companhia daí por diante até a igreja defronte a Praça José de Alencar.

Ao acontecer desse modo, marotamente eu demorava na rede armada no segundo quarto. Ficaria aí mais tempo, não fosse abrir-se a porta de acesso para o corredor, surgindo no espaço o rosto da Raquel:

– Então, vai demorar o dia todo? Se levante, tenho muito o que fazer! Quando sua mãe voltar, será hora da escola.

Fingia dormir longe dessas intervenções, mas ciente de não obter o menor resultado. Sem mais nem menos ela punha-se enérgica a balançar um dos punhos da rede, com tal firmeza, que eu tinha mesmo de botar os pés no chão, levantar.

– ‘stará pensando que sou de brincadeira?! – gritava.

Com a Raquel ao meu encalço ia parar no banheiro, último compartimento ao longo da varanda de fora. As recomendações não cessavam:

– Não mije fora do vaso.

– Lave as mãos depois.

– Esfregue o ceroto atrás da orelha.

– Puxou o fio da descarga? Será que não aprende a ser homem?

Em rigor, eu principiava a achar tudo aquilo realmente maçante. Bom mesmo era chegar o sábado e poder embarcar para Pacatuba; tomar banho na bica do André...

- 'stá pensando em quê?

- Nada não.

- Quem nada não se afoga. Vamos, adiante!...

Mal chegada da igreja, Isabel reexaminava-me com mais perícia, inspecionando o tamanho das unhas, o sujinho delas; outra vez o item das orelhas, um infeliz local que só restava livre, como queriam as duas, depois de enérgica esfregadela com algodão umedecido de álcool...

- Está bom! - gemia.

- Ainda não! Quero lá filho meu com aspecto de desmazelo!

Esfocinhava-me os cabelos; e a fiscalização descia então ao nariz, à boca...

- Mostre os dentes. Vamos!

- Ahahahahaha...

- Acho que aí é uma cárie. Dói?

- Como?

- Não minta! Dói?

- Não, senhora.

- É só o Dr. Santos chegar, a gente vai lá.

- Quero ir não.

- Mas vai. Que coisa! Não quer se civilizar (ela não dizia aprender). Vive chupando pirolitos, puxa-puxa, bolinha. - Encarava a Raquel - Ele anda comendo açúcar com canela?

A outra respondia, mas comprometendo:

- Canela, não sei, que se acabou a do armário... Mas açúcar, é bem capaz.

- Você se ajeite, menino!

Mais por diante, ao redor das oito, afinal me aprontavam. A Raquel (o cabelo espelhava untado com azeite de coco) prendia-me pela mão, muito importante, como se conduzisse um príncipe.

Da janela vendo-me partir, e sem esconder a vaidade, a Isabel chamara a atenção dos vizinhos:

- Parece gente.



5:22/2022.
"Alcornoque era meu coração, a paixão
hoje, os olhos a inspiração
crista..."

NATAL, AS ALEGRIAS E O PREÇO DA SINCERIDADE

Convencionou-se na casa do João considerar terminado o ano ao entrarem os meses do B-R-OBRÔ... Por isso, passado setembro já me preocupava com a aproximação do Natal, quadra de muita festa em família, designação que de modo algum corresponde ao sentido de comemorações empresadas pelos de mais recursos, que iam a clubes – ao Iracema principalmente, divertir-se até meia-noite, quando se suspendiam as danças por uma hora, indo os parceiros rezar a missa, na Igreja do Rosário.

Pelo Natal, me tomava de cuidados a lapinha que organizava a expirar o mês de novembro, armando-a com as figurinhas de animais, e bonecos, aquelas recortadas às páginas do Tico-Tico Assim, com mais um pedaço de espelho, podia contemplar um lago – não se dizia lagoa –, ao qual juntava areia da praia e outros enfeites que só as crianças sabem transparecer o significado exato.

O nomeado de ceia natalina, em minha compreensão, era outro jantar tardio praticado na mesa larga e solene da sala de refeições, em torno da qual se congregavam os vizi-

nhos –, “seu” Victor, “seu” leão, o Chico Silva, o “seu” Cavalcante, acompanhados das esposas. Estas não cessavam de elogiar os doces e bolos feitos pela Raquel, doceira à sua maneira, fabricante de guloseimas inesperadas, graças às modificações que, por economia ou outro motivo, introduzia nas receitas.

– O livro não ensinava direito. Pedia uma colher de manteiga, botei a metade... Não ficou bom?

Acontecia de se ter, por isso mesmo, surpresas desagradáveis. Dava às vezes de endurecer a massa, ninguém conseguia mastigar o bolo.

– Está bom, mas duro demais!

Riam-se todos. Era parte também da agitação do dia, com todo mundo logo mais pondo as cadeiras disponíveis na calçada, a não faltar a espreguiçadeira do João e a cadeira de vime preferida por minha mãe, que, ao adiantado da noite, a pretestar “chegado o frio”, aligeirava-se para trás da porta, o casaquinho de lã azul enxadrezado não a acudindo mais como agasalho.

A rua tomava uma animação incomum a partir da presença de uns tantos meniinos igualmente curiosos como eu, à passagem do bumba-meu-boi e fandangos. Estes, exagerando importância, vinham desfilar rente a calçada por então não rebaixada e desalinhada, exibindo os casacos azuis e vermelhos, e chapéus espelhados, aos quais se penduravam pequenos e sonoros sinos.

Ao tentar segui-los, ser parte desse espetáculo embora por instantes, minha mãe chamava-me à realidade:

– Fique aí, filhinho. Basta olhar...

Voltava a me sentar na cadeirinha de vime, calado, talvez me iniciando na grande capacidade que, até hoje cultivo, de me conservar só, sem malquistar a solidão, que dizem pesar demasiado sobre as pessoas.

Passados alguns minutos, queria saber:

- Mãe, demora chegar a meia-noite?

- Demora não... - E talvez arrependida por me ter trazido a seu pé até então, sugeria:

- Vá brincar ali na roda...

Eu ia.

Assim sucedido numa véspera de Natal. E vai isso pelos meus nove anos, idade que me conferia o direito de poder juntar-me aos brincantes mais crescidos.

Volteávamos em derredor de comparsa postado no meio da roda, e julgado pelos demais. A moça, então nessa situação, sisuda, indagava aos brincantes:

- Se minha testa fosse um espelho, o que você escreveria nele?

Um menino falou:

- Rainha!

Outro, adiante, aumentando a bajulação:

- Divina!

Um terceiro, também exaltado:

- Carinhosa!

À minha vez, fiquei confuso, sem saber como me expressar, conquanto os demais insistissem:

- Fala, fala!

Estive para desertar, diante da expectativa de todos que me olhavam com certo desdém.

- Vamos, que vai escrever você na minha testa? Grave - e sabe Deus com que aflição - finalmente me manifestei:

- FEIA.

Vi, e os demais viram, a moça ruborizar-se no centro do círculo. A um momento imaginei vê-la erguer os braços raivosa, e me castigar.

- Como? O que foi mesmo que você disse?!!!

Não demorei confirmar, em cima:

- Feia.

Ela não queria acreditar no que ouvira, e talvez insistisse na reconsideração da opinião. Mas eu estava mesmo em dia de malas-artes. Tornei, mas explícito:

- FEIA.

Não aceitou minha impressão rude mas verdadeira.

E só anos depois, já maduro, compreendi: a sinceridade nem sempre se ajusta à realidade, principalmente dos feios.

PRINCIPALMENTE BALÕES

João tinha preferência por milho assado, fogueira e balões. Dizer-me lembrado das fogueiras, que armava em Pacatuba, é abusar demais da memória.

Mas em Fortaleza, na Rua do Imperador (depois avenida), haveríamos, todos os anos pelo mês de junho, coincidente com as férias, erigir a mais comentada fogueira do quarteirão em louvor ao patronímico do chefe da casa.

Ai aprendi a reservar os melhores paus da cozinha, a desespero da Raquel, para reforçar a queima, refugando os galhos de ateira que fumaçavam bastante, difíceis de combustão.

Na casa do Imperador – tantas vezes relembrada – fiz meu vestibular na convivência de sortes e estórias, sonhos e emoções. E me doutorei em comidas estapafúrdias e artes pirotécnicas, assistindo a curiosas cenas então transcorrentes: minha mãe a reclamar a frieza da noite; Raquel ocupada até tarde, na cozinha, preparando quitutes; e o João, vez por outra, a ver como apurava o aluá, mas certamente a contentar-se na garrafa de quinado Imperial, guardada em esconderijo não de todo irrevelado.

Lá aprendi a olhar e ver balões; e soltá-los em direção ao céu. Mais adiante, vencida a tenra idade, a confeccioná-los durante os dias mais próximos do São João.

Exercíamos especioso ritual. Primeiro, sobre a mesa da sala de jantar juntávamos as folhas de papel-de-seda, colando as azuis com as amarelas, as verdes às encarnadas. Tudo à custa de grude caseiro, especialidade da Raquel, – substância indispensável para soldar todas as peças do corpo do balão.

Sobre a manta espessa de papel prostrada sobre a mesa lisa, empreendia-se o traço do molde para o corte final. A seguir – com precisão e não menor suspense – íamos conduzindo a afiada tesoura “Rainha” (uma das jóias de minha mãe) pelo desenho do que breve seria o nosso balão, ao itinerário de folhas coladas cuidadosamente.

Procedia-se em seguida a revisão do contorno físico do artefato, trabalho técnico de grande importância a evitar ocorressem falhas, pois, por uma dessas, bem que se podia evadir o calor da tocha, outro item fabricado com muita sabedoria: peça trançada de fragmentos de aniagem, esgarçada estopa em formato de bojudá esfera de pano presa por arame e fixada no corpo do brinquedo. Embebida de querosene, encandecia a um riscar de fósforo, prosseguindo acesa por muito tempo.

Dai por diante, aguardava-se a hora de libertar o balão, memorável instante em que o víamos inteiramente aberto pelas mãos de mais de uma dezena de colaboradores diligentes, enquanto meu pai, do alto de sua sabedoria – a arte de fazer balões –, acendia-lhe a mecha.

A esse instante, esperado com visível impaciência, o corpo de papel de seda, bem urdido, inflava-se a pouco e pouco delineando a anatomia ígnea, bonita de ver. E

quando o corpo rotundo, transparecendo luz, inflava-se por completo pelejando para subir em direção ao espaço, todos liam nele, bastante legível de um lado e do outro, a mensagem de chamar atenção:

VIVA SÃO JOÃO!

Balões, seres impacientes. Não gostam de esperar. Acesos, em menos de dois minutos, querem-se livres para a grande escalada aos espaços, onde caminham, e, àquele tempo, voavam flamejantes por um céu sem satélites artificiais e realmente só habitados por anjos.

Sem mais demora, partiam; iam-se a flechar para o alto, repetidas esferas multicoloridas, etéreas, – numerosos pontos rubros que, diminuindo, diminuindo, viravam estrelas.

Um após outro foram-se os balões do João, e também os que depois, anos adiante, de modo próprio fiz voar; e voando, me levavam.

A quadra da infância, que me coube, ficaria marcada de modo indelével para sempre. Daí importar esse testemunho e as impressões das festas juninas; como a da véspera do dia de São João, rememorações que me conduzem de volta à Rua do Imperador e a Pacatuba, de modo mais particular, onde em dia muito longe se preparou o maior balão do João.

Foram mais de vinte pessoas aplicadas à sua ascensão, adultos e meninos que mais atrapalhavam querendo distender-lhe o ventre enorme logo intumescido à combustão da mecha acesa.

Rapazinho mais esperto teve de caminhar, as mãos também no chão, sob recomendações ditadas em alarido por quantos se juntavam à volta, para acender a tamanha tocha, algo assemelhado a uma cabeça humana.

Esse foguista improvisado, de missão vitoriosa, daí por diante ficou sendo, por toda a vida, o Zé do Balão.

SÃO JOÃO E O EXERCÍCIO MÁGICO

Em nossa casa de João, amanhecendo o grande dia do santo, estavam já adrede preparados todos os utensílios exigidos pelas superstições, em que avultavam uns barquinhos de papel cuidadosamente preparados; espelhos, facas de ponta e lâmina larga; pelo menos meia dúzia de velas, e uns tantos ovos, assim como a indispensável bacia (a de enxugar a louça da cozinha), destinada à prática de prometidas sortes.

Cada coisa a seu tempo até tarde, mas tudo diligenciado sob o olhar de quem ia entrando em nossa casa, e, curioso, queria saber o que estava sendo aprontado para a grande noite de São João.

Começada a animação com os vizinhos ruidosos – até parentes vinham de longe –, minha mãe apressava a Raquel:

– Está na hora de trazer a bacia.

Não tardaria essa providência efetivar o ritual de contentar todos. O recipiente vinha então ocupar o tampo da mesa da sala-de-jantar, sob a alacridade dos presentes, percebível nuns e noutros o incontido desejo de decifrar o futuro. A revelação do destino preocupava a moços e velhos.

Bem ao centro da mesa de cedro, ante a curiosidade incontrolável dos que tomavam posição para participar, a bacia tinha visgo; atraía atenções, sem exceção. Havia quem, há mais de uma semana, acalentasse a esperança de obter resposta à insidiosa dúvida.

A indecisão era parte das regras do brinquedo.

- Tentamos logo a sorte dos barquinhos?

- Preferível começar a dos pingos de vela?

A maioria, em vozear, decidia:

- Tem vela bastante! Dá pra todo mundo.

Duas delas, acesas, começavam a chorar espichados pingos na água da bacia. O que formavam? Que era aquilo, embolado ou escorrido, no espermacete esfriado de repente?

- Olhem, se não é um altar!?

- Pra num, é mais pra barco.... Será que vou viajar?

Sucediam consultas e disparates.

Os velhos riam, e mais ainda as velhinhas sentindo-se remoçadas, agarradas a anseios e indagações que não podiam traduzir em público. Mas as mocinhas desejavam saber a experiência do barquinho de papel, posto logo a navegar na bacia até alcançar uma das áreas da borda, onde se viam pregados alguns papéis anunciando: CASA-MENTO -VIAGEM - DESASTRE - MORTE.

Durante muitos anos, pensei fosse tudo aquilo, principalmente os barquinhos navegando na bacia, uma invenção de meu pai. Qual criação dele! Luis da Câmara Cascudo roubou-me essa deliciosa impressão, com a universalidade de seus conhecimentos. Aquele expediente tomara-o o João, sem perceber, a oráculo dos Pálíces, sub-deuses que avisavam sobre o futuro, quando os consultavam as pessoas angustiadas e curiosas como meus parentes.

Indo a lago em que se achava borbulhante e sulfurosa água - e não às bacias -, essa gente atirava as suplicas

escritas nos mais diversos materiais. Ao se revelarem em contato com a água, os consulentes compreendiam o que lhes reservavam os deuses.

Ah, como eram antigos os caminhos do medo e da sabedoria!

Assim, depois da sorte pelos barquinhos havia também quem enfiasse faca em bananeira no quintal, a ver as marcas que lhe ficavam, nódoas figurando vaticínios por acontecerem.

Quase todos postulavam o amor. E a certeza, de dias venturosos, perseguiam mesmo os que já se aproximavam do final da vida.

OS JOGOS E OS MAIS

Na sala-de-visitadas, aberta nesse dia, ou quando alguém casava ou morria, mocinhas trêfegas faziam pender sobre o universo dum copo d'água a aliança tomada de empréstimo. Presa por um fio, impulsionavam-na, curiosos, para tanta coisa requerida! E não custava alguém altear a voz, avisando:

– Chegou a hora de soltar fogos!

Havia quem se preocupasse:

– É ter cuidada, minha gente! Nada de busca-pés!

Estes não admitidos, para não vexar senhoras e crianças.

Vigentes, na casa do João, apenas os fogos inocentes: estrelinhas, rodinhas de duas ou três paradas; pistolas de estalos, chispando fagulhas coloridas.

Para os adultos não faltavam taquaris e traque “Ale-mão”; e vistosas pistolinhas de disparos rápidos, marca “Beija-flor”. Eram lindas! De boa combustão até o fim, quando expeliam bolotão azulado, espécie de fogo fátuo misterioso.

Havia quem se contentasse com simples coiós pressionados na calçada enquanto pipocavam... Ou fizesse es-

talar pequenos traques, vendidos em caixinhas triangulares revestidas em papel de seda de todas as cores.

Mas existia para os homens uma ou outra bomba de parede, não prevalecentes as de estampido forte, **rasgalatas**.

Terminada a função de fogos, retornavam todos às consultas supersticiosas indicadas para o dia. Era o momento da sorte com gema ou clara de ovo, quando outras curiosas moças iam esconder-se atrás das portas, a boca cheia d'água, aguardando ouvir palavra que identificasse algum próximo casamento.

Davam horas, depois, para o prostrar desinibido. E de conversas mórbidas, rememorados uns desenlaces infelizes, o conto do fogueteiro estilhaçado por explosão, a triste história dos que pereceram em torno de um tacho de pólvora incendiado por indesejável faísca. E mais:

- A moça foi soltar uma bomba, perdeu a mão. Tinha nela a aliança de noivado...

- Conta isso não!

Era o lado negativo da alegria, era. Mas unânimes todos:

- Na casa do João podia-se brincar com segurança.

COMES E BEBES

Pelas nove da noite – avançados instantes por aqueles dias –, alguém lembrava a comida.

A um só tempo dava-se o arruído de cadeiras arrastadas sob indistintas emoções e gula, enquanto se ouviam em meio às manifestações de euforia: – “Ai que não perco uma hora dessa!” – “Agora é que eu me acabo!” – “Afinal, enche-se a pança!”

Acudiam todos à farta mesa de fumegantes travessões de louça branca; nestes, a canjica convidativa ainda gelatinosa e receptível a toque da colher dos mais apressados, deixava à vista de todos o nome de meu pai desenhado com canela, muito a capricho.

À mão, grude e pé-de-moleque; um gaiato a estalar os beiços:

– Ai, tem gosto de “venha mais”!

Havia quem abusasse o sabor do cravo socado no pé-de-moleque, circunstância de acalorar a discussão. Comia-se, comia-se, ninguém parava de mastigar.

– Me dá aí mais um pouquinho...

– Acorde aqui, menina!

- Vou repetir também.
- Não é só Deus que mata.
- Sei, mas está bom demais!

Do painelão de alumínio daí a pouco destampado, emergiam deliciosas espigas de milho cozidas, fúlvidas. E a voz mais agradável de todas, de minha mãe, apressava os gulosos sob aviso de estar tudo “no ponto”.

- Ó bicho bom! - dizia um.

- Verdinho, chega se desmancha na boca! - acrescentava outro.

Meu pai potocava, alardeando:

- Mandei buscar o milho em Pacatuba. Chegou hoje de manhã. Por aqui não tem **essa** preciosidade...

O milho, convenhamos, é fundamental na noite de São João. Torna maior a alegria à mesa; aguça o apetite em forma de apetecentes pamonhas. E reanima os comentários jocosos dos que brincaram o jogo de petecas...

Raros, raríssimos, os desentendimentos desagradáveis em noite junina. Os santos de junho são de amor e paz. Elevam os nossos sentimentos, e a todos toca a mística do mês que, quase sempre, significa dias de fartura, de muita abundância no Nordeste.

A mim, de modo particular, sensibiliza.

O ano, a meu ver, termina e começa no mês de junho, que me tem sob inarredável fascínio; glutão e rejuvenescido. E supersticioso.

Tempo que aguardo contando as horas.

Tempo de soltar balão, ainda que apenas de modo subjetivo.

EPITÁFIO DE MÃE DOLORES

Vieram chamar meus tios João e Isabelzinha, e a mim, em Mondubim, onde residíamos há quatro anos. De madrugada, a notícia soava terrivelmente dolorosa:

– A mãe do Manuelito morreu.

Fomos a toda pressa até a cidade, dali a 13 quilômetros.

A realidade amarga finalizava mais um sonho de ventura de alguém que, cansando de estar só, imaginara um novo lar marcado por amor.

Mãe Dolores casara-se havia um ano, contra a opinião de toda a família, principalmente sob vigorosa e insólita desaprovação de Tio Vicente.

Ninguém entendeu que ela precisava arriscar outra vez no amor, jogo difícil de perde-e-ganha, para conseguir o prêmio ansiosamente aguardado: uma filha, aspiração de mãe que só trouxera ao mundo homens.

Tendo-a àquela hora, em frustrado parto, pagava com a própria vida o risco da última partida que resolvera jogar para ser feliz.

Vi levarem-na os anjos, morenã de cor assentada, os olhos pretos e reluzentes, a boca larga vincada de dese-

jos e vagarosa ao falar, a não encontrar palavras certas para justificar-lhe os próprios sonhos.

Queria-me mais ligado a ela, e nunca consegui.

A outra, a Isabel Eduardo Campos, ao longo da vida haveria de merecer todo o meu amor de filho. Em rigor, da que fechava os olhos para a vida eu guardava intraduzível respeito; mas a primeira tornara-se, para todos os fins, minha verdadeira mãe. Esta, e não a das dores, a que me acudia aos desmaios, em graves e simples enfermidades, nas duas vezes em que me vi face a face com a ceifeira pérfida. Era a Isabel Eduardo que, ao ver-me enfermo, também adoecia e delirava pensando em me perder...

A genética possui caprichos de impossíveis explicações.

Eu haveria de possuir olhos azuis, tez clara, cabelos castanhos quais os da Isabel; tudo em oposição aos atributos físicos de Mãe Dolores.

Perdendo uma delas em hora tão dolorosa, dava à que partia as minhas emoções e lágrimas. E descobria que a morte é sentimento estranhamente insólito, de unir, juntar, para não apartar jamais.

Ia-se a Maria Dolores com todas as suas dores - quantas para uma só Maria! -, mas deixava escrito um breve epitáfio a enobrecê-la para sempre:

AMEI.

GLOSSÁRIO DE AFLIÇÃO

Os filhos de Pacatuba: o Artur, o Girão, o Amora, o Manuelito, não me chamem, não me provoquem que morrer lá eu vão vou. Mesmo que Pacatuba morra por mim (Mesmo assim).

JOSÉ ALCIDES PINTO,
Poema de Pacatuba

A

Aratanha (Serra da Aratanha): Montanha triangular, com 23 km de extensão no sentido leste-oeste, e 780 metros de altitude máxima. Acrescenta Álvaro Gurgel do Amaral: dali nasce riacho, com igual nome, que passa depois a se denominar Guaiúba; e mais à frente, Formoso, quando então engrossa o Pacoti.

Artur Eduardo Benevides: Primo, poeta. Nasceu em Pacatuba em 1923. Do Grupo Clã. Autor de vários livros de poesia a partir de “Navio da Noite”, em 1944.
André bica do; banho do...): Hoje, Balneário Bica das Andréas; banho rústico ao pé da serra da Aratanha.

B

- Balão (balão de São João): Artefato de papel de seda, em forma de globo, acionado pela combustão de tocha (mecha) acesa. Brinquedo da quadra junina, dos anos 20, antes de o proibirem.
- Banana seca: Passa de banana, preparada ao sol. Produto característico de Pacatuba, vendido em embalagem popular.
- Baú: Pequeno povoado, em Pacatuba, antes de pertencer a Guaiúba. Região conhecida pelas matas de sabiá (**Mimosa caesalpiniaefolia, Benth**), aproveitadas até hoje para a combustão em fornos e fogões. Durante anos Bati foi o maior fornecedor de lenha em achas para as locomotivas da RVC.
- Baú (rio, riacho...): Em verdade um córrego de 6 metros de largura, em média, também denominado Juá. Corre logo principiada a estação das águas, e, desse modo, vai até novembro. Afluente do Pacoti.
- Broa: Espécie de bolacha feita de polvilho.
- Boi (o): Bumba-meu-boi, boi-bumbá; auto popular que se exhibe no Ceará no período natalino.

C

- Ceará Rádio Clube: Em 28.08.1931 foi fundada uma sociedade que, em 1932, já podia operar sob o prefixo PRAT, e afinal instalada oficialmente através de portaria ministerial, a 30.05.1934. Funcionavam os estúdios na Rua Barão do Rio Branco e o transmissor nas Damas, lado poente da Avenida João Pessoa. Ali, em 1942, fiz concurso para locutor, sendo classificado em 22 lugar. Não seria aproveitado, o que só sucederia em 1944, por outras razões de habilitação.

Cruzador São Paulo: Navio de guerra do Brasil, espécie de orgulho cívico à época. Moda (1929) de vestir os meninos por ocasião da Primeira Comunhão. No gorro escrito: Cruzador São Paulo. O Couraçado São Paulo é de 1910; deslocava 20.000 toneladas a uma velocidade de 20 nós por hora. Na chamada **rebelão da armada** o marinheiro Gregório do Nascimento arvorou-se – como registrou a revista “Caretá”, “em comandante” do couraçado, pomposamente mencionado: “Dreadnought S. Paulo”. O “Couraçado Minas Gerais” era outro grande vaso de guerra. Foi nele que se rebelou o marinheiro João Cândido, assumindo-lhe o comando, em 1910.

Cruzadinha Eucarística: Associação religiosa para adolescentes. A de Pacatuba funcionava na Matriz. A de Fortaleza, também freqüentada pelo autor, reunia-se na Igreja do Patrocínio, ao tempo em que era vigário o Pe. Geminiano Bezerra de Menezes. A Cruzada Eucarística foi fundada no dia 12 de outubro de 1928, com aula semanal e comunhão geral, mensal.

D

Doce de leite: Guloseima caseira, sempre a aproveitar o excesso de leite recebido do Baú. Com a adição de sumo de limão, talhava, encaroçando.

Dolores (Mãe...): Maria Dolores Acióli Pinheiro, minha mãe. Viúva de Jonas Acióli Pinheiro. Professora.

Doutor do Boi: Personagem do bumba-meu-boi.

E

Elvira (Tia...): Irmã de minha mãe. Casada com o maestro Alfredo Oliveira, falecidos.

Expedito Eduardo de Oliveira (Dom): Bispo de Patos, Paraíba. Fundou com o autor e Artur E. Benevides, o Teatro Escola Renato Viana, em S. Gerardo.

F

Faixa azul: Marca de fantasia do fabricante da Cama Patente, muito em voga pelos anos 30.

Face iluminada: Livro de contos do autor, com capa de Zenon Barreto. O desenho desta reproduz a idéia do personagem do primeiro conto, a mocinha abandonada pelos parentes, depois de morta, em Pacatuba.

Fandangos: Auto popular. Os figurantes vinham exhibir-se em terreno próximo ao quarteirão da casa de meus pais, na Rua do Imperador.

Fernando Eduardo Benevides: Primo. Farmacêutico e homem publico. Ao tempo, diretor do Clube dos Diários. Levando a mim e ao seu irmão, Artur Eduardo Benevides, “para conhecer a sociedade”, recomendou: “Não bebam mais do que uma cerveja!”

Fogos: Designação generalizante dos artificios com pólvora, para festejos de celebrações juninas, vendidos em bodeguinhas ambulantes, improvisadas com caixas de charuto. Conhecidos fogos à época: taquari, traque “Alemão”, estrelinhas, pistola, chuveiro, pistola “beija-flor”, coió, traque, bomba rasga-lata etc, etc.

Fortaleza: Capital do Ceará, a 27 quilômetros de Pacatuba. Possuía em 1923 aproximadamente 80.000 habitantes. Nesse ano nasceram 812 pessoas e morreram 2.359, das quais, de 0 a 1 ano, só no mês de março 235! Apesar dessa estatística, o livreiro Leite Ribeiro, visitando-a, afirmou não ter visto um só sepultamento. Quanto ao número de farmácias aí existentes, disse: “Ou os estabelecimentos são simples prevenção, ou ótimos

os médicos da terra.” Casa comercial, na Rua Barão do Rio Branco, 164, comprava “besouros mortos” em “qualquer quantidade e tamanho.” José Martins Mororó, “chauffeur”, na Tabacaria londrina, contratava viagens para Sobral, em automóveis “Overlalar”. O dólar em janeiro de 1923, valia 9\$165. Um carro Ford, “Double-Phaeton”, podia ser comprado por 643 dólares. Bebia-se cerveja “Hanseática” na casa do João. Disponíveis as marcas de cigarro: “101”, “Independência ou Morte!”, os últimos “sem nicotina.” Inaugurava-se a Empresa Autobus Fortaleza-Messajana. Os carros partiam da Capital às 5h30min; 11h30min; 17h130min, cobrindo o percurso numa hora. O Cine Polytheama passava às 19h “O Raio Invisível”, a série, 2 episódios em quatro partes. Z. Altinar & Cia., na Pensão Rendal, comprava “qualquer dentadura quebrada.” Nesse ano, o Ceará perde Justiniano de Serpa; o Brasil, Rui Barbosa, e Portugal, Guerra Junqueiro.

G

Geraldo Oliveira: Primo em 22 grau, filho da prima Alice. Fez comigo a 1ª Comunhão na Igreja dos Remédios (Benfica), fardado de marujo do “Cruzador Minas Gerais”.

Godofredo Cândido dos Santos: Vigário de Pacatuba, no período de 1932 a 1939.

Guaiúba: Distrito de Pacatuba, anteriormente. Hoje, sede de município. Possuía ao tempo apenas nove quarteirões. O rio Guaiúba (Formoso ou Aratanha) passa a menos de 500 metros da estação do trem, centenária, recentemente preservada pela Rede Ferroviária Federal. Ai vive-se muito, pois a popu-

lação desftuta de clima muito ameno, excelente, ideal para problemas respiratórios – informa o Des. Álvaro Gurgel de Alencar, em livro de sua autoria: “Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Estado do Ceará.”

I

Isabelinha: Isabel Eduardo Espindola, minha avó materna, viúva de Joaquim Eduardo de Souza (ambos falecidos).

Isabel: Isabel Eduardo Campos, irmã de Maria Dolores Acióli Pinheiro, Mãe Dolores.

Iracema: Clube que congregava a sociedade fortalezense por aqueles dias. No dia 23 de dezembro de 1923 o Clube prometia: “Às 21h começará a reunião oferecida aos sócios e exmas. famílias, havendo animadas danças ao som da maviosa “Iracema Orquestra” que executará lindas peças do seu moderno repertório, de que constam as últimas novidades no gênero “Ba-ta-clan” e “Velasco”-. Às 23h30min serão suspensas as danças, indo os sócios, acompanhados de suas famílias, assistir à missa da meia-noite mandada celebrar pelo Clube, na Igreja do Rosário, e da qual é oficiante o Rvmo. Cônego José Quinderé. Após a missa, será reinsetada a reunião.” (in “Correio do Ceará”).

Irapuan: Amigo de infância. Estudava no Inst. São Luiz. Filho do Dr. Raimundo dos Santos. Morreu atropelado.

Irene: Espécie de caseira das terras do Baú.

J

João (O): João Pereira Campos, meu pai adotivo. Comerciante e industrial, proprietário da Torrefação e Moagem do Café Peri; funcionava na Praça Castro Carreira, 471.

- Joaquim Eduardo de Sousa: Avô paterno. Comerciante e líder católico em Pacatuba. Sabia música, falava francês e alemão.
- J. Muller: Autor de “O Meu Sistema”, livro editado em Lisboa em 1909, pela Casa Bertrand. Dava lições de ginástica dinamarquesa.
- Jonas: Jonas Acióli Pinheiro, meu pai; comerciante em Guaiúba. Morreu em 1923.
- Joaquim Eduardo de Alencar: Médico, cientista muito conceituado. Meu primo. Casou-se com Maristela Eduardo Benevides, também minha prima.
- José Eduardo Espíndola: Tio; pai do advogado Itamar Espíndola etc, etc.

L

- Licor: Bebida preparada em casa, e, pela Raquel, com casca de tangerina.
- Litinho: Assim como Manuelito, tratamento carinhoso com o qual me distinguiam. Prevalencia o último, acrescentado o Eduardo (Manuelito Eduardo), desse modo nomeado profissionalmente como locutor da Ceará Rádio Clube pelos anos 40.
- Luiz Agassiz: Notável naturalista. Sobre a Serra da Aranha, em Pacatuba, escreveu: “O caminho da montanha é selvagem e pitoresco; ladeado de imensos blocos, ensombrado de árvores e cheio dos sons argentinos das pequenas cascatas que saltam de pedra em pedra...” Sua esposa, que o acompanhou, escreveu: “Descendo ontem a serra, extenuado pelo calor”. Agassiz banhou-se em “pequeno curso d’água que abre passagem entre o amontoado de rochas e blocos” (...) “Saboreando o frescor dessas águas, não pede (Agassiz) deixar de se impressionar com o contraste que apre-

senta a origem dessa bacia com a vegetação que a circunda...” (in “Viagem ao Brasil – 1865/1886”, páginas 543, 544, Cia. Editora Nac., 1928, Rio).

M

Maria de Jesus Melo: Conceituada educadora cearense dos anos 30, com escola funcionando na Rua Tristão Gonçalves.

Minducarmo (tia): Maria do Carmo Eduardo Benevides, genitora de Artur, Fernando, Alberto, Humberto, Mirian, Rute, Maria José, Joaquim, etc.

Mondubim: Distrito de Fortaleza, hoje, subúrbio. Aos 17 anos, com João e Isabel, ali morei bastante tempo.

N

Nazareno Pires (Prof.): Agrônomo. Pai de Ely e Hélio, Heliete, meus companheiros de infância na Rua do Imperador. Chamava-se Aurinivea a esposa. Dele, muitos anos depois, este trecho de carta: “Muito agradeço sua generosa lembrança, por verificar que não esqueceu o nosso antigo convívio da Avenida do Imperador, quando você, ainda um garotinho inteligente e saudável, brincava com os meus primeiros rebentos...” (8.11.1968).

P

Palmeira (Padaria): Situava-se na esquina da Guilherme Rocha com a Rua Senador Pompeu. Famosa pelos versos escritos na fachada do prédio. Estes podiam ser lidos ao “Correio do Ceará”, em 1923:

“Padaria como a Palmeira
Apreciada em nosso meio
Desde o balcão à maceira
A mais higiênica em asseio
Respeitar como costuma
Inda a Fortaleza não veio.”

Pão-de-ló: Bolinho fofo, feito com farinha de trigo, manteiga, ovos, açúcar etc, etc. Vendiam-no à margem da ferrovia, principalmente em Maracanaú.

Parangaba: Povoação próxima a Fortaleza, hoje, subúrbio da Capital. Arthur Baptista Nepomuceno, José de Limaverde, Manuel Bastos de Oliveira e José de Oliveira Rolim, iniciaram em Fortaleza um “raid” a pé ao Sul do País. Partiram às 8 horas e chegaram em Parangaba às 9h25min.

Pacatuba: Município constituído de serra e sertão. A montanha tem exuberante cobertura vegetal. Pouco habitada, mas muito bem plantada de fruteiras, predominando o cultivo da banananeira. Decorre de data e sesmaria concedidas a 7 de outubro de 1683 a João Pinto Correia e Outros. A igreja matriz é de 1880. No dia 2 de fevereiro de 1883 libertou seus escravos. De vila, que era, foi elevada à categoria de cidade em 1889. O escritor João Jacques Ferreira Lopes descreve-a em versos:

“A cidade não mudou. Nem mudará jamais.

E é bom que não mude.

O cemitério lá em cima.

Florido de cruces, epitáfios e cajus.

De um lado, o açude do Piripau
tirando segunda via da serra.

Do outro, o açude do Alto do Bode,
cheio de piaus;

estremecendo todo, de cócegas liquidas
ao beliscão barbeludo dos anzóis.

Tantos sítios, vivendas antigas!

... ..

As farmácias do Silvinha e do Chaguinha
vendiam, dentro da rima, meizinha.

E a goiabada do Coelho
que minha madrinha Guimarães fabricava?
E as bananas secas do Siqueira,
douradas de sol, porejando de açúcar?”

Padre Cícero: Padre Cícero Romão Batista, taumaturgo já admirado à época. O “Padim Cícero” ou “Padim Ciço” dos pobres.

R

Raimundo dos Santos (Dr.): Conhecido dentista dos anos 30. Dentista da família

Raquel: Jaquelina Saturnino. Nascida e falecida em Guaiúba. Demorou mais de meio século a serviço da casa de Isabel e João.

S

Sítio Estrela: Pequena propriedade (18 ha) situada no chamado “coração da serra”, na Aratanha, a aproximadamente 500 metros de altitude. Tem modesta casa centenária, cercada de fruteiras. Da cidade, ao pé da montanha, até lá, seis quilômetros.

T

Teatro José de Alencar: Nessa tradicional e importante casa de espetáculos a 15 de dezembro de 1941 representei o papel do general Simão, na opereta de Paurilio Barroso e Silvano Serra: “A Valsa Proibida”. Antes, em 1939, inaugurava minhas atividades teatrais como ator, em 1939, representando na peça “Jesus Crucificado”, no Teatro Santa Maria (Educandário Santa Maria). Para mais informações, ver “Eduardo Campos, ator e autor: 40 anos a serviço do Teatro Cearense”, edição da Comédia Cearense, Fortaleza, 1979.

V

Vicente Eduardo Espíndola: Irmão de minha mãe. Líder católico e capitalista, proprietário de imóveis do Prado, onde residiam Mãe Dolores, a avó Isabelzinha e meu tio José Eduardo Espíndola, então Diretor da Recebedoria do Estado.